U.PORTO

FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Secundário.

O Desporto ao serviço de uma ideologia

# M

**Julho de 2023**



# Índice

Introdução ..... 1
Enquadramento teórico ..... 6
Capítulo 1- A escola e as atividades ..... 17
1.1.Caracterização da Escola ..... 17
1.2.Descrição das atividades ..... 21
Capítulo 2 – Os primeiros resultados ..... 34
2.1. O trabalho de grupo ..... 34
2.2. Questões aula ..... 42
2.3. Questionários de História ..... 52
2.4. Ficha de trabalho final ..... 60
Capítulo 3 – Principais conclusões ..... 65
3.1.As conclusões deste estudo ..... 65
Bibliografia e Fontes ..... 67
Anexos ..... 71
Anexo 1: Objetivos do trabalho sobre a Cultura de Massas ..... 71
Anexo 2: Ficha de trabalho sobre as ditaduras de “direita” e questionário ..... 72
Anexo 3: Ficha de trabalho sobre a Guerra Fria ..... 75

# Introdução

Este estudo insere-se no âmbito do Relatório de Estágio Profissional, inserido no plano de estudos do 2º ano do 2º Ciclo de Estudos em Ensino da História nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), conducente ao grau de mestre.

Este Relatório de Estágio vai incidir-se no meu percurso ao longo do ano enquanto professor estagiário na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, sob a orientação da Professora Cláudia Ribeiro, do Professor Pedro Teixeira Pereira e da Professora Cooperante Sónia Guimarães. O objeto do meu estudo é o desporto ao serviço de uma ideologia e a sua delimitação temporal é entre o final do século XIX e o final do século XX. Decidi iniciar a minha pesquisa no final do século XIX, em virtude de nesta altura, um pouco por toda a Europa, ter-se incrementando a prática desportiva. Efetivamente, no final do século XIX na Europa, promovia-se a ideia que o ser humano tinha de se regenerar dos seus vícios e ociosidades e o exercício físico era considerado um antídoto eficaz.

No que diz respeito às questões de investigação deste trabalho, estas são as seguintes:

1. Será que os alunos conseguem relacionar o desporto com as ideológicas políticas do século XIX e XX?
2. Em que medida a exploração da história do desporto e as suas fontes contribui para a construção de aulas mais motivadoras?

Por outro lado, o objetivo principal deste trabalho é mostrar que o desporto pode ser instrumentalizado por uma ideologia e que os alunos podem conhecer a realidade política, social, cultural, ideológica e económica, através da perspetiva narrativa da história do desporto. Simultaneamente pretende-se que os alunos consigam desenvolver o seu espírito crítico-historiográfico e desenvolver mais gosto pela disciplina, através deste estímulo. Importa também definir alguns objetivos específicos para o trabalho:

1. Desenvolver o interesse dos alunos pela história do desporto.
2. Avaliar a progressão do pensamento histórico dos alunos.
3. Identificar e descrever os fatores que fizeram melhorar essa progressão.

Relativamente ao estágio profissional, de facto, representa uma etapa crucial no desenvolvimento de um professor e por esse motivo esta etapa está a constituir-se como um espaço e momento no

qual muitas questões se colocam e onde os conhecimentos previamente adquiridos têm um peso significativo para o meu questionamento, atividade reflexiva e escolha do tema da minha dissertação. E um professor quando emerge na sala de aula diante os seus alunos tem a sua realidade pessoal e é ele que vai construir o conhecimento dos alunos, com os alunos. Efetivamente os professores devem ter um trabalho de autoconhecimento e autorreflexão, de maneira a criar a sua identidade profissional e por isso o processo de formação do professor é tão ou mais importante que o do aluno e este deve ter uma densidade cultural para lá do manual, para que o diálogo com os alunos tenha riqueza formativa. Em suma, nós, professores, devemos criar a nossa identidade profissional, a nossa composição e "tato pedagógico", através de uma formação contínua, social e pessoal muitas das vezes para se criar uma consciência crítica que contribua para moldar o aluno. Por esse motivo, a minha reflexão inicial passou por tentar desenvolver uma ideia no qual relacionasse a problematização da História e o desporto. Primeiramente por ter um gosto pessoal pelo tema e em segundo lugar por entender que é possível promover o pensamento histórico, a problematização historiográfica e desenvolver outro tipo de perspetivas sobre os acontecimentos, através do desporto. De facto, é impossível dissociar períodos históricos como a Guerra Fria do desporto, é impossível dissociar os valores republicanos do século XIX e XX da prática desportiva e é impossível dissociar, por exemplo, um evento como os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, com o uso premeditado do desporto como bandeira do modelo político e social nazi.

Posto isto, a minha ideia é promover o pensamento crítico e problematizar a História, através do relacionamento entre o desporto e as ideologias emergentes no século XIX e XX e mostrar aos alunos que o desporto pode ser instrumentalizado por uma ideologia. Deste modo, e tendo em conta que no meu estágio na Escola Secundária Rodrigues de Freitas estou a lecionar os anos de escolaridade do 9º, 10º e 11º parece-me mais pertinente desenvolver esta temática com o 9º ano. Irei trabalhar com o 9º ano exclusivamente devido à razão óbvia do conteúdo programático deste ano de escolaridade engloba precisamente o final do século XIX até ao final do século XX. Por outro lado, importa salientar que o desporto tem uma especial incidência nas Aprendizagens Essenciais do 9º ano com a temática da cultura de massas, no qual se pretende que o aluno relacione "a I Guerra Mundial com a aceleração das transformações operadas nos comportamentos, na cultura, nas ciências, nas artes e na literatura" e que ele seja capaz de "identificar/aplicar os conceitos" como os de "feminismo, cultura de massas e *mass media*[1]". E de forma indireta o

[1] Disponível em:

desporto tem um especial significado em conteúdos programáticos como a 1ª República, no qual as aprendizagens essenciais dão especial importância à interiorização por parte dos alunos de "os aspetos fundamentais da doutrina republicana". Por sua vez, no conteúdo programático acerca da ascensão das ditaduras é interessante problematizar o Desporto de forma a compreender "o papel da propaganda" (Jogos Olímpicos de 1936) e a "descrever as principais características dos regimes totalitários". Ao utilizarmos fontes e retratarmos acontecimentos desportivos relevantes para a narrativa histórica estamos também a cumprir objetivos preconizados nas Aprendizagens Essenciais do 9º ano, como a utilização adequada de "fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica" e a cumprir o desígnio deste estudo que é mostrar aos alunos que o desporto pode ser instrumentalizado por uma ideologia.

Para alcançar estes objetivos na sala de aula irei desenvolver uma metodologia qualitativa e quantitativa. Primeiramente, importa fazer uma observação direta e mais subjetiva (se participam ou não participam) dos alunos face ao tema lecionado, de modo a ter as primeiras impressões. É crucial esta etapa metodológica para descobrir como os alunos pensam e se sentem em relação ao tema. Um dos modos de aferir o interesse dos alunos é através de questionamentos abertos, pois rapidamente conseguimos ver a sua motivação para esta tipologia de aula.

De seguida realizar uma questão-aula ou promover um trabalho para os alunos apresentarem para aferir de forma quantitativa o que os alunos retiraram desta experiência. No que diz respeito ao primeiro trabalho que desenvolvi no contexto de sala de aula teve como objeto de estudo os anos 20 e a cultura de massas. Deste modo o desafio dado aos alunos foi, em primeiro lugar, o de formarem grupos e pesquisarem um exemplo de um evento desportivo nos anos 20 com adesão do público. Posteriormente tiveram de pesquisar historiograficamente esse desporto relacionando com as Aprendizagens Essenciais que pretendem que o aluno relacione "a I Guerra Mundial com a aceleração das transformações operadas nos comportamentos".

A minha expectativa com este trabalho é perceber o que os alunos podem retirar desta diferente experiência na aula de história, através do relacionamento das ideologias políticas com fontes e narrativas da história do desporto. Por esse motivo na minha futura análise quantitativa e qualitativa pretendo esmiuçar o que os alunos aprenderam com esta perspetiva e estimular o gosto

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia _3c_9a_ff.pdf (Consultado no dia 12.05.2023).

e espírito crítico para a disciplina de história.

No que concerne ao desporto, a investigação em Portugal é relativamente recente, no entanto já existem estudos bastante detalhistas acerca do desporto em Portugal. Uma das obras mais completas sobre o desporto em Portugal é a obra de Nuno Domingos e José Neves denominada por *Uma História do Desporto em Portugal*, no qual se faz um retrato fiel da narrativa do desporto em Portugal, o que é crucial para o meu estudo em temáticas como o republicanismo e o Estado Novo. De facto, o desporto tem características muito próprias no nosso país nestas duas etapas históricas, devido à ideologia política em vigor. Por outro lado, é impossível falar de desporto em Portugal sem se falar da obra de João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, *A Paixão do Povo* que faz a narrativa, através da imprensa desportiva portuguesa do futebol em Portugal, do fenómeno desportivo português mais representativo. De facto, Francisco Pinheiro é um investigador e um especialista do tema história do futebol, mas que se debruça principalmente sobre os periódicos desportivos, em virtude de ter trabalhado na sua tese de doutoramento a história da imprensa desportiva e por ter feito vários estudos utilizando esta fonte hemerográfica. Por sua vez, Ricardo Serrado, um importante historiador de desporto (com maior incidência no futebol) dá-nos outro tipo de perspetiva acerca do desporto em Portugal, ou seja, faz uma análise dos acontecimentos do nosso desporto e relaciona-os à política, como por exemplo com a obra o *Futebol e o Estado Novo*. Para além disso, este historiador também analisa o desporto enquanto fenómeno sociocultural[2].

Relativamente ao desporto em geral, o estudo desenvolvido por Thierry Terret faz uma narrativa pormenorizada sobre a história do desporto, desde a sua prática nobiliárquica à prática desportiva contemporânea. De facto, Thierry Terret, professor na Universidade Claude Bernard, para além de fazer uma narrativa da história do desporto desenvolve uma perspetiva social da sua prática e mostra que o desporto se tornou o epicentro da cultura de massas a partir do século XX. Thierry Terret revela-nos também como o desporto se tornou um meio de propaganda dos valores ocidentais, principalmente no caso do futebol. Por sua vez, a nível internacional importa dar uma especial importância ao futebol, por ser tão representativo em todo o mundo e por isso falar em história do futebol é falar nas obras do historiador Matthew Taylor, que desenvolve vários estudos acerca do futebol inglês, desde as *public schools* até à conquista do grande público e da média.

[2] SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo — *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2011.

Inglaterra, no século XIX, paulatinamente exportou o futebol para todo o mundo, logo importa ter um especial cuidado em conhecer as linhas orientadores do desenvolvimento do futebol neste país, até porque foi aqui que se desenvolveram as primeiras táticas, estilos de jogo e regras, mas também foi em Inglaterra que os estádios começaram a ter público e o interesse no futebol enquanto espetáculo se desenvolveu rapidamente, dando a origem a uma autêntica cultura de massas antes do tempo no futebol[3].

Na sociologia, importa destacar autores como Eric Dunning e Nobert Elias, que procuraram pesquisar sobre as causas do fascínio do Homem pelo desporto moderno, que deu a origem à cultura de massas e tentaram refletir sobre a função desta atividade na vida humana[4]. Recentemente tem existido estudos sobre os meios de comunicação no desporto com trabalhos como *sport, the media and popular culture*[5], *Sport, culture and society: an introduction*[6] *e Sport, culture and media: the unruly trinity*[7] que constituem exemplos de estudos que relacionam a comunicação, cultura, desporto e política e uma vez que o objeto do meu estudo é instrumentalização do desporto por parte de ideologias políticas afigura-se como nevrálgico a consulta deste tipo de bibliografia.

Em França, a obra *Histoire du Football* para além de ser uma história geral completa é bastante detalhada no que diz respeito à ligação entre os regimes políticos e o futebol, com especial enfoque às ideologias totalitárias. De facto, tem uma descrição clara do modo como Mussolini e Hitler instrumentalizam o desporto, principalmente o futebol, sendo deste modo um estudo muito importante que complementa todas as obras citadas a nível internacional[8].

.

## Enquadramento teórico

No século XIX, um pouco por toda a Europa, começou-se a valorizar a prática desportiva, após vários séculos em que havia um predomínio quase exclusivo do saber intelectual[9]. Não se pode dissociar esta mudança de mentalidade dos avanços e maior conhecimento acerca do

[3] TAYLOR, Matthew — *The Association Game: A History of British Footbal*. Londres: Routledge, 2008, p. 44.
[4] DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert — *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
[5] BOYLE, Raymond — *Power Play: sport, the media and popular culture*. Edinburgh: 2ª ed. Edinburgh.
[6] JARVIE, Grant — *Sport, culture, and society: an introduction*. Londres: Routledge, 2008.
[7] ROWE, David — *Sport, culture, and media: the unruly trinity*. Bekshire: Open University.
[8] DIETSCHY, Paul — *Histoire du Footbal*. Paris: Perrin, 2010.
[9] SERRADO, Ricardo — "Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910*)". Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, II série, vol. 33, 2014, p. 222.

funcionamento do corpo humano, que fizeram com que a prática desportiva fosse vista como um estilo de vida que prolongava a saúde humana[10]. A Europa estava com um sentimento decadentista e a cura desta sociedade doente seria pela educação física. Nascia assim um novo homem que era capaz de fugir de obscenidades como o álcool e era capaz de ser mais forte e apto, acreditando que tinha nas suas mãos a capacidade de ter mais saúde. Simultaneamente, as questões de higiene e saúde cresceram em termos de importância no século XIX e XX e reuniram-se neste modo condições para o aparecimento do desporto contemporâneo. Até então, a prática desportiva estava ligada a uma classe especifica, os aristocratas, em virtude de este grupo social ter funções militares. Com esta mudança de paradigma, desportos como o hipismo, tiro e caça deram lugar (em termos de protagonismo) a desportos como ténis, futebol, ciclismo, entre outros. Importa também definir o que é desporto contemporâneo. O desporto contemporâneo é, segundo Ricardo Serrado, "um processo de valorização do corpo, que se inicia no fim do século XVIII e que fará decair os costumes aristocráticos e outros comportamentos ligados ao Antigo Regime[11]". No entanto em todo o contexto europeu o desporto e mais concretamente a ginástica ganhou um grande impulso muito por culpa de um acontecimento histórico marcante. Durante o conflito franco-prussiano em 1870 vislumbrou-se uma supremacia física dos prussianos, que tinham uma grande prática de ginástica no seu país, em claro contraste com os franceses. Em consequência, as vitórias prussianas fizeram os franceses mudar a sua mentalidade e apostar não só na ginástica, como na educação física. Curiosamente, em Portugal no ano de 1878, apareceu o Real Ginásio Club Português que se dedicou à ginástica acrobática[12]. Todavia, somente em 1880 foi aprovado um programa político de ensino de ginástica nas escolas normais e apesar desta preocupação monárquica apenas na 1ª República portuguesa existiu um desenvolvimento mais significativo desta área.

Posteriormente, durante o período republicano em Portugal existiu um significativo desenvolvimento do desporto português e para isso contribuiu uma medida política, que foi o decreto de lei de 10 de janeiro de 1911. Efetivamente, o decreto de lei de 1911 abriu a possibilidade a todos os assalariados de poderem descansar ao domingo, ou seja, esta medida consagrou o

[10] VAQUINHAS, Irene Maria — "O conceito de «decadência fisiológica da raça» e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/princípios do século XX)". *Revista de História das Ideias*, vol. 14, 1992, p. 370.

[11] SERRADO, Ricardo — "Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910*)". Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, II série, vol. 33, 2014, p. 219-251.

[12] SERRADO, Ricardo — "Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910*)". Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, II série, vol. 33, 2014, p. 219-251.

descanso semanal obrigatório e laico[13]. Por conseguinte, o tempo de lazer aumentou e paulatinamente a sociedade portuguesa começou a transformar-se no campo do lazer e tempo livre. Mesmo a ideologia republicana pretendia criar um homem português mais saudável e atlético, o que mudou a perceção do país em relação ao desporto. Apareceu nesta fase o Comité Olímpico Nacional, que permitiu posteriormente a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, em 1912. Surgiu também um grupo parlamentar, liderado por José Pontes, um entusiástico de desporto, que conseguiu conquistar importantes direitos para as associações desportivas, como em 23 de agosto de 1923, no qual se aprovou uma lei fundamental para a subsistência das entidades desportivas[14]. No seu discurso, José Pontes mostrou-se um defensor do desporto amador, mas que estimulasse o desenvolvimento físico do país, que era uma ideia muito comum no início do século XX:

> O Sport Lisboa o Benfica, que tem 60000 sócios, muitos dos quais rapazes arrancados aos meios viciosos de Alcântara, Ajuda e Mouraria. Está no mesmo caso o Sporting Club de Portugal, que tem 3000 sócios, empregados no comércio o na indústria. Queria, ao mesmo tempo que algumas associações espalhadas pelo país, existentes, por exemplo, na Figueira da Fez, Viseu, Olhão, Vila Real de Santo António, Faro e Chaves, fossem ajudadas pelo Governo, na nobre missão do engrandecimento da raça. Queria também, Sr. Presidente, quo ao mesmo tampo que o Governo auxiliasse estas associações, fizesse estremar os campos, isto é, que a protecção do Estado fosse única e exclusivamente para aquelas que tivessem por fim o desenvolvimento físico dos seus associados e não propriamente o mercantilismo[15].

A partir desta data as associações desportivas começaram a ter isenção de todas as contribuições e impostos. José Pontes, que era o diretor do jornal *Os Sports Ilustrados*, promoveu também no seu periódico desportivo várias competições desportivas e tinha mesmo um papel pedagógico muito importante, em virtude de promover as regras dos variadíssimos desportos e incentivando a atividade física. Aliás, o próprio diretor deste jornal promovia um tipo de pedagogia no jornal que acreditava que o "sport é um processo de acção moralizador e educador[16]". E não foi só através de *Sports Ilustrados* que se promoveu a prática desportiva, já que apareceram nesta fase inúmeros periódicos, apesar de serem efémeros.

Deste modo é interessante constatar que o desporto e a imprensa tiveram uma relação muito estreita e em Portugal tudo começou com o primeiro jornal desportivo português, ainda no século

---

[13] MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) — *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 65

[14] SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro — *História do Futebol Português – Uma Análise Social e Cultural, vol. I, Origens, Institucionalização e Profissionalização*, p. 181.

[15] Diário do Senado n.º 106, 18 de novembro de 1924, p. 8.

[16] Diário do Senado n.º 106, 18 de novembro de 1924, p. 6.

XIX, *O Velocipedista*[17]. No entanto, os primeiros jornais desportivos internacionais surgiram em França em 1828 com a revista parisiense *Journal des Haras* dedicada à coudelaria e em Londres no ano de 1852, com o periódico *Sportsman*[18]. Tal como em Portugal, só que anos antes, a imprensa desportiva europeia teve uma tendência inicial para campos como a caça, velocipedia e a ginástica. O ciclismo foi ganhando muitos adeptos na segunda metade do século XIX, especialmente em França e surgiram muitas dezenas de jornais dedicados a esta modalidade e é curioso constatar que em Portugal existiu também a mesma linha de evolução, já que o primeiro periódico desportivo português foi acerca ciclismo. A influência da imprensa desportiva na Europa era tão significativa, que em 1890, o *Le Vélo* atingiu 300 mil exemplares[19]. Estes periódicos promoviam os grandes eventos desportivos e a prática desportiva nos principais polos urbanos europeus, uma vez que tanto a prática desportiva como a imprensa eram fenómenos ligados ao meio citadino.

Não obstante, existiam problemas estruturais na prática desportiva durante o período republicano que importa refletir e relacionar com a política nacional. Por um lado, não era obrigatório a atividade física nas escolas primárias e por outro havia falta de condições nos liceus, o que demonstra uma pouca relação do Estado com o desporto, na prática[20]. Nestes 16 anos de regime republicano houve bastantes focos de instabilidade, uma vez que num curto espaço de tempo existiram 45 governos e uma guerra mundial, o que dificultou o cumprimento de um verdadeiro programa político. Mesmo assim a jovem república portuguesa, sedenta de afirmação política, utilizou também o desporto, mais em concreto o futebol, para mexer-se no panorama diplomático. Em 1913, numa digressão da equipa da Associação de Futebol de Lisboa, que se deslocou até ao Brasil para ter uma série de jogos contra equipas brasileiras e promoveu-se na imprensa desportiva uma união desportiva entre os dois países. Para além do mais a imprensa desportiva portuguesa, em concreto o *Tiro e Sport*, acreditava que o movimento desportivo fazia ultrapassar barreiras e podia ser importante a nível político[21]. De facto, a política portuguesa

[17] PINHEIRO, Francisco – *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2006. p. 29

[18] PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2010, p. 24.

[19] PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 54.

[20] SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro — *História do Futebol Português – Uma Análise Social e Cultural, vol. I, Origens, Institucionalização e Profissionalização*, p. 180.

[21] MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) — *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*, p. 69.

aproveitou esta ocasião para fortalecer relações diplomáticas e marcaram presença com altos representantes da nação, que confirmam este espírito nacional na ida ao Brasil. Mesmo Bernardino Machado marcou presença neste evento e do lado brasileiro também havia representatividade política. Aliás, foi o Ministro da Agricultura brasileiro que acabou por entregar um trofeu à equipa portuguesa[22].

Com o deflagrar da 1ª Guerra Mundial existiu uma estagnação do desporto por toda a Europa e em Portugal em concreto. Por exemplo, os projetos de criação da Seleção Nacional e de uma competição futebolística em todo o país caíram por terra. Mesmo os praticantes de desporto acabaram por se deixar seduzir pelas ideias nacionalistas que alastravam por toda a Europa e foram para a frente de batalha. Por outro lado, os estados presentes na guerra viam nos desportistas maior capacidade física e deste modo as associações desportivas tiveram grandes dificuldades em contar nas suas fileiras com os seus atletas. Era tão importante ter militares desportistas na frente de guerra, que o jornal *L´Auto*, a 3 de agosto de 1914, convidou os desportistas a comportarem-se na guerra como enfrentam as balizas adversárias[23], ou seja, tornou-se vulgar comparar competências desportivas com as de soldado. Aliás, enfatizava-se as qualidades dos desportistas: "Bom desportista, Bom Soldado![24]"

As provas desportivas durante a 1ª Grande Guerra perderam competitividade, tornam-se irregulares e começaram-se a sentir grandes dificuldades financeiras. Efetivamente deixa de haver condições para se realizar grandes provas desportivas um pouco por toda a Europa. Em Inglaterra o campeonato inglês não ocorre entre 1915 e 1919, tal como em Itália e no caso português só havia campeonatos regionais, de forma irregular e com poucos participantes. No caso francês, o campeonato de futebol voltou em outubro, dois meses após o início da guerra. No entanto reduziram-se significativamente as atividades desportivas.

Mesmo assim havia indícios que a prática desportiva tinha uma significativa capacidade de mobilização, como fica evidenciado pela capacidade de associações desportivas de promoverem políticas solidárias para ajudarem famílias necessitadas. No Natal de 1916, em Portugal, o Sport Lisboa e Benfica distribuiu ofertas pelas crianças do bairro, reforçando cada vez mais o seu papel

---

22 MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) — *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*, p. 78.

23 TERRET, Thierry—*História do Desporto.* Mem Martins: Publicações Europa-América, 2007, p. 48.

24 *La Vie au grand air*, n. º 829, 15 de julho de 1916, p. 5.

social[25]. Além do mais era muito visível nas paisagens de guerra jogos de variadíssimos desportos entre militares.

No pós-Guerra ocorreu no mundo ocidental uma grande mudança de mentalidade que conduziu a uma avida vontade de buscar o prazer e divertimento. Por esse motivo, nesta fase o desporto universalizou-se cada vez mais, após um período de retração durante a guerra. A 1ª Guerra Mundial provocou mudanças económicas e sociais, numa época denominada por Loucos Anos 20. No que diz respeito ao futebol existiram significativas melhorias. Em Portugal, as assistências nos campos de futebol atingiram números nunca vistos, nasceram novas competições, novos clubes, associações regionais (mesmo nas colónias) entre as quais a nível nacional e surgiu, por fim, a Seleção Nacional (1921). Por outro lado, o movimento sindical, que neste período tinha um grande impacto na sociedade por lutar pela segurança do trabalhador, em caso de acidente e para proteger os operários, entrou no desporto através da primeira tentativa de formar um sindicato de jogadores[26]. O desenvolvimento dos transportes, meios de comunicação e o aparecimento de uma classe média desejosa de "espairecer" permitiu também o aparecimento de uma cultura de massas, uma vez que a cultura estava cada vez mais acessível a toda a gente. Aliás é nesta altura que se generaliza o uso da rádio, que levava a casa de todos o mundo das notícias, entretinimento e em concreto os relatos desportivos. A nível político conseguia-se sentir o pulsar das divergências diplomáticas no desporto, uma vez que em 1924, a França organizou os Jogos Olímpicos e não convidou a Alemanha nem a URSS de Lenine que, entretanto, morrera em janeiro de 1924. Por outro lado, França procurou restaurar a imagem do país por meio da propaganda desportiva[27].

Com a emergência das ditaduras nos anos 30, o desporto em geral começou a ser uma arma de propaganda e a ser instrumentalizado ideologicamente. As capacidades mobilizadoras dos desportos fizeram os regimes ditatoriais desenvolverem recintos desportivos propagandísticos do seu regime, como comprova a construção do estádio Olímpico de Roma ou de Berlim para o verão de 1936. Todas estas construções tinham o objetivo específico de criar grandiosas encenações dramáticas com um propósito de doutrinação no ideário dos regimes. Curiosamente estes estádios olímpicos eram modelos inspirados na antiguidade greco-romana e eram completamente diferentes

---

25 PEREIRA, Ricardo Costa — "O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918)", p. 191.

26 SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro — História do Futebol Português – Uma Análise Social e Cultural, vol. I, Origens, Institucionalização e Profissionalização, p. 143

27 TERRET, Thierry—*História do Desporto*, p. 60.

dos estádios ingleses até então, pois eram estádios com outra morfologia[28]. Em Portugal, a construção do Estádio Nacional foi um verdadeiro acontecimento nacional e um veículo de propaganda política e de exaltação nacionalista, uma vez que enquanto em Portugal e Espanha exibia-se num espetáculo desportivo, a Europa estava numa violenta e sangrenta Guerra Mundial[29]. Aliás, o próprio regime fez questão de enviar uma avioneta que lançou milhares de panfletos sobre a multidão com saudações a Salazar por ter conseguido evitar o envolvimento português na 2ª Guerra Mundial, um facto que foi propagandeado em vários acontecimentos nessa época, como por exemplo, na Exposição do Mundo Português, em 1940. Interessante também constatar que podemos ver através do desporto várias características especificas de cada regime totalitário e no caso português vislumbramos a sua aversão a situações que provocassem desordem. Efetivamente, a ordem (os regimes da Nova Ordem) é basilar em todos os regimes de extrema-direita da época e por isso o futebol não era muito praticado dentro das organizações de enquadramento de massas do Estado Novo, pois considerava-se que poderia despertar comportamentos e emoções que não eram consentâneos com os ideias dirigistas do regime[30]. Por sua vez, o futebol enquanto fenómeno urbano e de grandes massas contrastava com o ruralismo do Estado Novo que olhava com desconfiança para estes espetáculos desportivos e como é sabido este regime via também com maus olhos ajuntamentos de algumas pessoas, quanto mais de milhares. Para além do mais, o futebol mexia com as emoções, o que por vezes causavam episódios de desordem. Deste modo em 1942, o Estado Novo através da Direção Geral da Educação Física, Desporto e Saúde Escolar (DGEFDSE) implementou uma verdadeira política desportiva e promoveu o amadorismo no desporto e medidas de combate à indisciplina no futebol, com castigos rigorosos[31]. Noutros países europeus como Inglaterra e até mesmo em regimes totalitários como o espanhol, em 1926, permitiram o profissionalismo nos regulamentos desportivos, como consequência natural da popularização do desporto[32]. Não obstante, o regime salazarista promoveu algumas obras importantes para o futebol como a construção do Estádio Nacional e o Estádio 1.º de Maio, em

[28] DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol português. Política, Género & Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012, p. 170.

[29] DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol português. Política, Género & Movimento*, p.179.

[30] SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro — História do Futebol Português – Uma Análise Social e Cultural, vol. I, Origens, Institucionalização e Profissionalização, p. 220.

[31] SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro — História do Futebol Português – Uma Análise Social e Cultural, vol. I, Origens, Institucionalização e Profissionalização, p. 254.

[32] KUMAR, Rahul Mahendra — *a pureza perdida do desporto – futebol no Estado Novo*. Lisboa*:* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2014, p. 227.

Braga.

O desporto, no entanto, era uma prática corrente nestas organizações, porém as modalidades mais praticadas eram a ginástica, voleibol, hipismo e andebol e tal como todos os regimes totalitários, eram vistos como uma forma de preparar o indivíduo para o corpo militar. Por esse motivo, em outubro de 1944 a modalidade da ginástica tornou-se obrigatória em todos os clubes desportivos. Tal como nos restantes países totalitários, a DGEFDSE considerava que o desporto era um veículo de propagação das ideias do regime e um meio de regeneração da raça, porém oponha-se ao desporto enquanto espetáculo, federado e profissional[33]. Por sua vez, em países totalitários como Itália, as vitórias no Campeonato do Mundo de futebol em 1934 e 1938, que a própria Itália organizou, bem como a organização dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 foram acontecimentos que ocuparam o imaginário sobre o fascismo e serviram de propaganda e demonstração clara de poder. É absolutamente inquestionável que as organizações destes grandes eventos desportivos marcaram uma tentativa de Itália e Alemanha se afirmarem no plano das relações internacionais e por isso o caso alemão e italiano indicam uma clara diferenciação em relação à portuguesa, no que diz respeito à valorização do espetáculo desportivo. Por outro lado, o grau de investimento na ginástica e o seu cariz militar foram características comuns a todos eles.

O regime de Hitler, por exemplo, tinha o claro intuito que os turistas que visitassem o país durante os Jogos Olímpicos tivessem uma determinada imagem da Alemanha, a "nova Alemanha". Uma Alemanha reconstruída, revitalizada e vitoriosa após o fracasso na 1ª Guerra Mundial, mas também queria dar uma ideia de "normalidade" para o estrangeiro, numa altura em que os campos de concentração já eram uma realidade. Aliás, por causa dos campos de concentração e hostilidade aos judeus existiram muitos protestos da comunidade internacional contra o facto de a cidade de Berlim acolher os Jogos Olímpicos[34]. O que mostra que a passividade inicial das potências europeias perante Hitler também ocorreu no desporto. Esta tentativa de evidenciar um clima de normalidade alemã foi pelo facto de a Alemanha ter aceitado a condição do Comité Olímpico de ter atletas judeus nas provas. O regime Nazi fez todos os possíveis para esconder a sua tendência antissemita durante os Jogos Olímpicos e podemos constatar este facto com a remoção das placas

[33] SOBRAL, Luís – SOBRAL, Luís — "Desporto". In ROSAS, Fernando; BRITO, J.M. Brandão de (Dir.) – Dicionário de História do Estado Novo. Novo, p. 260.
[34] LARGE, David — *Nazi Games: The Olympics of 1936.*: Nova Iorque: W. Norton & Company, 2007, p. 69.

a referir que os judeus não eram bem-vindos em determinados sítios públicos[35]. Posto isto, Hitler utilizou a propaganda durante os Jogos Olímpicos, contribuindo para que a maior parte do mundo ficasse com uma ideia da Alemanha que não correspondia à verdade: um país neutro, tal como já foi referido anteriormente. De facto, os Jogos Olímpicos foram o maior evento que o regime nazi organizou e tem um claro propósito de mostrar uma nova imagem do país. Por outro lado, os Jogos Olímpicos eram um campo perfeito para mostrar e propagandear a ideia do corpo ariano, que representava o corpo perfeito e a gloria do regime e da sua ideologia. No filme *Fest der Schönheit* pode observar-se os atletas brancos, louros e de olhos azuis e focava a sua realização na perfeição do corpo dos atletas. O desporto era considerado um fator de disciplina e de superação do indivíduo e o corpo ariano, esbelto e atlético, promovia o sucesso da Alemanha. Mesmo o culto da vitória e da superioridade da raça ariana faziam os Jogos Olímpicos um evento perfeito para a propaganda nazi, uma vez que queriam promover a ideia da civilização superior relativamente ao desporto. Importa salientar que os objetivos do regime nazi foram cumpridos na sua grande maioria com sucesso, uma vez que cativaram os seus cidadãos para a sua ideologia nacionalista com várias vitórias e fervor nacionalista nas provas e deram uma boa impressão do seu país a nível internacional.

No caso das democracias ocidentais o nacionalismo também estava presente. Em França, o desporto profissional chegou a estar proibido, conforme nos diz a Carta dos Desportos franceses de 1940. Por outro lado, existe um ímpeto nacionalista no desporto francês nos anos 40 através da obrigatoriedade dos atletas fazerem um juramente nacionalista: "Eu prometo sob a palavra de honra praticar desporto com desinteresse, disciplina e lealdade para me tornar melhor e melhor servir a minha pátria"[36].

Tanto nos regimes totalitários, como até nos democráticos, o desporto foi um espaço de confronto direto e indireto entre potências. A Guerra Fria é mais um exemplo de constantes confrontos diretos entre as superpotências. Por um lado, os EUA e por outro a União Soviética. Ambos os países queriam mostrar a sua capacidade e superioridade nos campos da ciência, força militar, diplomacia e mais uma vez, no desporto. Logo em 1951, URSS pediu para entrar no Comité Olímpico e participa nos Jogos Olímpicos de Helsínquia. Na verdade, o desporto era uma

[35] SEMMENS, Kristin — *Seeing Hitler's Germany: Tourism in the Third Reich*. Londres: Palgrave MacMillan, 2005, p. 148.
[36] TERRET, Thierry—*História do Desporto*, p. 65.

forma de demonstração da qualidade de um sistema e de um modelo da sociedade e não era só notório da rivalidade URSS e EUA. Em França, no pós-Guerra, desejava-se ter o protagonismo dos EUA e a URSS e, neste contexto, Charles de Gaulle, presidente francês, desenvolveu um programa económico e cultural, que também se incidia no desporto[37].

De facto, o desporto olímpico era um espaço privilegiado no qual as duas potências mediam forças e uma vitória num confronto direto entre dois países como os EUA e URSS tinha um significado político e nacionalista como podemos ver no conhecido *miracle on ice*. Nesse acontecimento desportivo os EUA derrotaram a URSS num jogo de hóquei de gelo, após um longo período de domínio soviético nesta modalidade. A URSS vinha de 4 medalhas de ouro consecutivas e havia vencido os americanos por 10 a 3 uma semana antes do evento. A vitória americana nos Jogos Olímpicos de hóquei trouxe um novo ânimo patriótico aos americanos e é interessante constatar que anos mais tarde o hóquei no gelo nos EUA voltou a ter um papel secundário no panorama desportivo do país[38].

Mesmo no contexto da Guerra Fria, em 1972, em Munique, a República Democrática da Alemanha utilizou os Jogos Olímpicos politicamente de forma a continuar a sua via do isolacionismo para melhor proteger o regime de qualquer ameaça imperialista. A ação da RDA começou a ser concebida ainda antes do início das provas em si: quando se planeou o percurso da tocha Olímpica, foi impedido pelo Bloco de Leste (sob mando da União Soviética) que ela passasse por países do Bloco, com o intuito derradeiro de diabolizar os países Ocidentais. Aliás, era quase imprescindível que os atletas convocados pela RDA tivessem antipatia pela Alemanha Federal, de forma a vencer o seu rival ideológico. Ou seja, o nível de politização era evidente e todo o pessoal da comitiva da RDA tinha de estar de acordo com as convicções ideológicas do país para que esta uniformidade permitisse credibilizar o regime. Por sua vez, a Alemanha Ocidental não se preocupou tanto em tentar denegrir a imagem do rival[39]. E o mais marcante episódio desses Jogos Olímpicos acabou por ter um caracter ideológico evidente com os terroristas palestinianos a invadiram a Aldeia Olímpica para fazerem de reféns atletas Israelitas. Tal situação gerou uma onda de choque, e foi claramente o acontecimento que definiu aqueles Jogos, pela tragédia que se seguiu à tentativa de fuga dos terroristas: encurralados pelas forças de segurança alemã, no qual

[37] TERRET, Thierry—*História do Desporto*, p. 73.
[38] ALLEN, Kevin — *USA hockey: a celebration of a great tradition*. Chicago: Triumph Books, 1997
[39] JONHSON, Molly — *Training Socialist Citizens: Sports and the State in East Germany*. Leinden: Brill, 2008, p. 83.

resultaram a morte de quatro dos reféns. Posteriormente, nos anos 80, os efeitos da Guerra Fria fizeram-se sentir no desporto internacional. Logo em 1980 houve um boicote dos Jogos Olímpicos de Moscovo por parte dos EUA e nos JO a seguir, em Los Angeles, motivou a mesma reação por parte do Bloco Leste[40].

Posto isto, após este enquadramento teórico e breve Estado da Arte, a minha dissertação de estágio terá como ideia principal promover o pensamento crítico e problematizar a História, relacionando o desporto e as ideologias políticas emergentes no século XIX e XX. E por esse motivo é necessário que os alunos estejam motivados para em sala de aula terem produtividade em relação a este diferente ângulo historiográfico. Ou seja, o domínio sobre os autores, conteúdos, fontes e bibliografia tem que necessariamente ser rico para tornar a aula dinâmica e atrativa. Importa salientar, que mais do que desenvolver esta problematização, é necessário promover nos alunos curiosidade e estimulá-los a gostarem mais da disciplina. Parece-me possível dar uma identidade própria às minhas aulas com este tema apresentado, até porque o professor deve ter a sua identidade profissional e ter diferentes mecanismos de motivação dos alunos, para além do manual. No entanto, importaria detalhar que integrar os alunos nesta dinâmica irá ser o maior desafio.

Deste modo ainda há um longo caminho a trilhar de forma a melhorar a minha densidade de conhecimento, acerca do tema, com a consulta de mais de bibliografia e fontes e desenvolver atividades dinâmicas, criativas e enriquecedoras para os alunos no estágio profissional. E, por outro lado, podem existir limitações para a aplicação desta metodologia em sala de aula, pelo simples motivo de poder ou não haver adesão e motivação dos alunos para este tipo de atividades e tema.

Cabe-me a mim, professor, testar de diferentes formas e promover estratégias eficientes em sala de aula (apenas possível com leituras e domínio das fontes e bibliografia sobre o tema) para os alunos conseguirem o mais importante: aprender.

Importa referir que optei por trabalhar esta dinâmica em sala de aula, dado que acredito que se pode motivar os alunos para a disciplina de História de diferentes formas. Alias, a área de história por ser tão multidisciplinar e abordar diversas temáticas tem a capacidade camaleónica de poder ser presenteada aos alunos de diferentes perspetivas, para além da existente no manual. Por sua vez, o desporto é um dos fenómenos sociais mais representativos do mundo e em concreto em

[40] TERRET, Thierry—*História do Desporto*, p. 85.

Portugal o futebol arrebata as emoções da maioria da população. Ou seja, considero que a vertente desportiva, presente no dia-a-dia de um jovem, seja em educação física ou noutras atividades extracurriculares podem contribuir para motivar os alunos na aula de história. Por conseguinte, a motivação é crucial para a aprendizagem e realização pessoal. Um aluno mais motivado, por norma, é mais produtivo e persiste mais para aprender um dado conteúdo. Para além disso, pode estimular os alunos a adquirir habilidades e competências, neste caso na área da história, que são para a posteridade da vida de um estudante.

É interessante também constatar que o desporto é também multidisciplinar, tal como a História e pode por esse motivo ir ao encontro dos gostos e motivações dos alunos e neste contexto que aparece o papel do professor. O professor deve ser o mediador deste tipo de dinâmica e criar situações para trabalhar e desenvolver as capacidades dos alunos, ou seja, deve observar e compreender a sua turma e encorajá-los. Tendo em conta que o professor é o intermediário do conhecimento na sala de aula acaba por ter o seu cunho pessoal e as suas características no dia-a-dia escolar. Deste modo, a História do desporto é algo que me diz muito, já trabalhei esta temática numa dissertação passada e acredito que pode contribuir para uma experiência em sala de aula mais diversificada, rica e dinâmica[41].

A relação pedagógica entre aluno e professor, sem qualquer tipo de relação empática e sem o recurso ao estímulo, à criação de novas ideias e estratégias impossibilita a motivação na sala de aula[42]. Assim, os bons resultados escolares relacionam-se muitas das vezes com uma relação pedagógica entre professor e aluno, no qual as estratégias e métodos de estudo diversificados são importantes para o sucesso escolar[43]. Para além disso, o professor não deveria ter um perfil em sala de aula acomodado e repetitivo ano após ano e somente com o objetivo de transmitir um certo conteúdo. Ao invés deste perfil, o professor deve questionar-se e incentivar-se a criar métodos e motivações.

Até aos anos 80, a escola em Portugal tinha uma doutrina dirigista, conservador e, como nos diz António Nóvoa, professor catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e presidente da Associação Internacional de História da Educação, a

[41] ALVES, Tiago — *Artur José Pereira e o futebol português*. Lisboa: Âncora Editora, 2021.
[42] MEDINA, Maria da Conceição da Silva Ferreira — Relação *pedagógica e motivação para o sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, p. 15.
[43] MEDINA, Maria da Conceição da Silva Ferreira — Relação *pedagógica e motivação para o sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, p. 17.

escola era uma local “fortemente controlada, censurada, ritualizada no quotidiano pelos valores dominantes: o conformismo e a obediência[44]". Atualmente, numa escola contemporânea, valoriza-se a relação pedagógica assente no diálogo, afetividade, cooperação e respeito mútuo, ao invés de uma relação de dominação-subordinação[45]. E motivar os alunos na sala de aula é possível através deste tipo de relação que vai permitir que o ambiente em sala de aula seja estimulador, "de modo a suscitar o interesse e a participação livre da criança e a incentivar o desenvolvimento da autonomia[46]." Bordenave, pedagogo paraguaio, crê que o aluno "depende da sua motivação, da atitude com a disciplina e da relação que é estabelecida com o professor[47]”. Importa salientar que a motivação em sala de aula é tão importante que, quando os alunos atingem esse estado tornam-se mais envolvidos, dedicados e produtivos, sendo deste modo todo o processo de aprendizagem mais facilitado. Ou seja, nesta prática que dinamizei em sala de aula deverei ser capaz de instigar a motivação dos alunos e estabelecer uma relação pedagógica positiva, no qual todo o processo de aprendizagem é facilitado. A relação entre a motivação e o desempenho escolar é recíproca e só é possível com a adoção e uma pedagógica ativa. Essa pedagogia deve ter a capacidade de mobilizar o interesse dos alunos, através de um processo de aprendizagem no qual os alunos aprendam com vontade e motivação. Para Pozo, filosofo espanhol e investigador desta área, podemos analisar a motivação de um aluno através do modo como o aluno procura a aprendizagem, pela vontade que tem de aprender e pelo seu envolvimento no processo de aprendizagem, logo, é muito difícil ter resultados escolares sem motivação[48].

Em suma, um dos maiores objetivos deste estudo é estabelecer uma relação pedagógica positiva com os alunos para poder obter em sala de aula dinamismo, motivação e empatia históricos.

[44] NÓVOA, António (Org.) — *O Passado e o Presente dos Professores*. In Nóvoa, A. Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1991, p. 169.
[45] MEDINA, Maria da Conceição da Silva Ferreira — Relação *pedagógica e motivação para o sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, p. 24.
[46] ESTRELA, Maria Teresa — *Como criar uma Boa Relação Pedagógica.* Porto: Porto Editora, 1994, p. 32.
[47] BORDENVE, J.D.& PEREIRA, A. M — Estratégias *de Ensino-Aprendizagem.* Petrópolis,9ª edição: Vozes, 1986, p. 43.
[48] POZO, J. I —*Teorias da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# Capítulo 1- A escola e as atividades

## 1.1. Caracterização da Escola

A etapa do estágio no Mestrado em Ensino da História é definitivamente a mais importante e o coroar de toda uma aprendizagem académica. E o local onde tive a oportunidade de crescer e desenvolver as minhas competências práticas enquanto professor foi na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, que tem a particularidade de ter uma história riquíssima.

Esta escola está situada no centro da cidade do Porto, na freguesia de Cedofeita, e é a escola-sede do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas integrando sete estabelecimentos: a Escola Básica de Miragaia, a Escola Básica com Educação Pré-Escolar da Torrinha, a Escola Básica com Educação Pré-Escolar da Bandeirinha, a Escola Básica de Carlos Alberto, a Escola Básica de S. Nicolau, o Jardim de Infância da Vitória e a Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas.

Inicialmente, a escola criada em 1906 e com o nome *Lyceu* Nacional Central da 2.ª Zona Escolar do Porto funcionou em instalações dispersas pela cidade[49]. Somente em 1933 foi construído o edifício atual da escola, junto à Igreja de Cedofeita, com a designação de Liceu de D. Manuel II. Mais tarde, com a alteração do regime político em 1974, homenageou-se José Joaquim Rodrigues de Freitas, em virtude do seu papel na política portuguesa, no qual mostrou sempre preocupações em matérias educacionais. De facto, enquanto deputado, Rodrigues de Freitas desenvolveu uma política que defendia novos métodos pedagógicos, a instrução pública e uma escola nova. Durante a sua vida escreveu muito sobre temas históricos, pedagógicos e sociais e participou, de um modo ativo na sociedade portuguesa. Na questão educacional desenvolveu as suas ideias em publicações como "O Ensino", "Discussão", "O Comércio do Porto", entre outros periódicos[50]. Para além disso sempre teve uma preocupação com a educação inclusiva, ou seja, com especial incidência nas crianças e mulheres[51].

No que diz respeito à caracterização da escola importa salientar que no Relatório de Avaliação Externa, de 2014, o Agrupamento obteve a classificação de bom. Por outro lado, este

[49] Disponível em: https://parque-escolar.pt/pt/escola/003/(Consultado no dia 12.05.2023).
[50] Assembleia da República — *Dicionário de História da 1.º República e do republicanismo*, Lisboa, 2013-2013, vol. 2, p. 124.
[51] Disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1006621/(Consultado no dia 13.05.2023)

mesmo relatório evidencia que o Agrupamento tem um ADN de integrar alunos com baixa visão e cegos e, inclusivamente, existe na escola, como eu próprio verifiquei, duas unidades de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência. Mesmo os alunos com necessidades educativas diferenciadas têm diversos apoios e professores de educação especial ou de técnicos especializados nas terapias em questão[52]

Por outro lado, a escola é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), o que significa que existem alunos com dificuldades socioecónomicas e taxas relativamente altas de abandono e insucesso escolar. Por sua vez, neste tipo de escolas são recorrentes problemas de violência e indisciplina. O intuito do programa da TEIP é promover o sucesso escolar e prevenir e reduzir o abandono escolar precoce e o absentismo.

No que concerne à oferta formativa, a Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas dá a possibilidade aos alunos de ter formação do 5.º ano ao 12.º ano e no ensino secundário dispõe dos cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades. A comunidade escolar tem acesso a um espaço físico que foi renovado recentemente através do Programa de Modernização das Escolas Secundárias, de forma que o edifício se "adequasse as novas exigências do atual modelo educativo e, de certa forma acolhesse o Conservatório de Música do Porto[53]". Na escola existem laboratórios, ginásios, a Biblioteca Jaime Cortesão, o Museu da Ciência e espaços sociais. Além disso, tem uma zona de acolhimento, situada à entrada do Centro de Recursos Educativos (CRE), uma zona de leitura informal com revistas, jornais e livros e um espaço de multimédia. A intervenção na escola visou melhorar "alguns equipamentos e instalações, a adaptação de espaços para novas atividades, melhoramentos nos níveis do conforto ambiental exigido e na reparação dos materiais devido ao desgaste".

No início do ano letivo 2022-2023 conheci a minha Orientadora Cooperante, a professora Sónia Guimarães, e recebi a informação de quais eram as turmas com que iria trabalhar. De facto, tanto eu como o meu colega no estágio lecionamos uma turma do 9.º ano, outra do 10.º e duas turmas do 11.º ano. Efetivamente, era importante ter a oportunidade de trabalhar com alunos do secundário, mas também do básico, uma vez que cada nível escolar tem exigências e desafios específicos. Todavia, tendo em conta a temática do meu objeto de estudo, decidi desenvolver as

[52] MAGALHÃES, Daniela — *A Arte da Pintura nas aulas de História: Ver, ler e fazer*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019, p. 78.
[53] Disponível em: https://parque-escolar.pt/pt/escola/003/(Consultado no dia 12.05.2023).

minhas estratégias de aprendizagem, que tinham como base o desporto contemporâneo, com a turma do 9.º ano, por uma questão cronológica. Efetivamente poucos eram os conteúdos que poderia trabalhar com as minhas estratégias de aprendizagem nas turmas do 10.º e 11.º ano e por sua vez no 9.º ano conseguiria aplicar, ao longo de todo o ano, as minhas estratégias em diferentes conteúdos.

No que toca à composição da turma do 9.º ano apresentaram-se nas aulas no total vinte e um alunos, no entanto um dos estudantes saiu da escola em janeiro e outro só ingressou na turma em meados de abril. Dos vinte e um alunos, onze são do sexo feminino e dez do sexo masculino, ou seja, existe um equilíbrio nesta turma em termos de género. Contudo, a composição etária é diversa. A maior parte dos alunos tem catorze anos, porém no início do ano letivo havia quatro alunos de treze anos, três alunos de quinze anos e três alunos com mais de quinze anos.

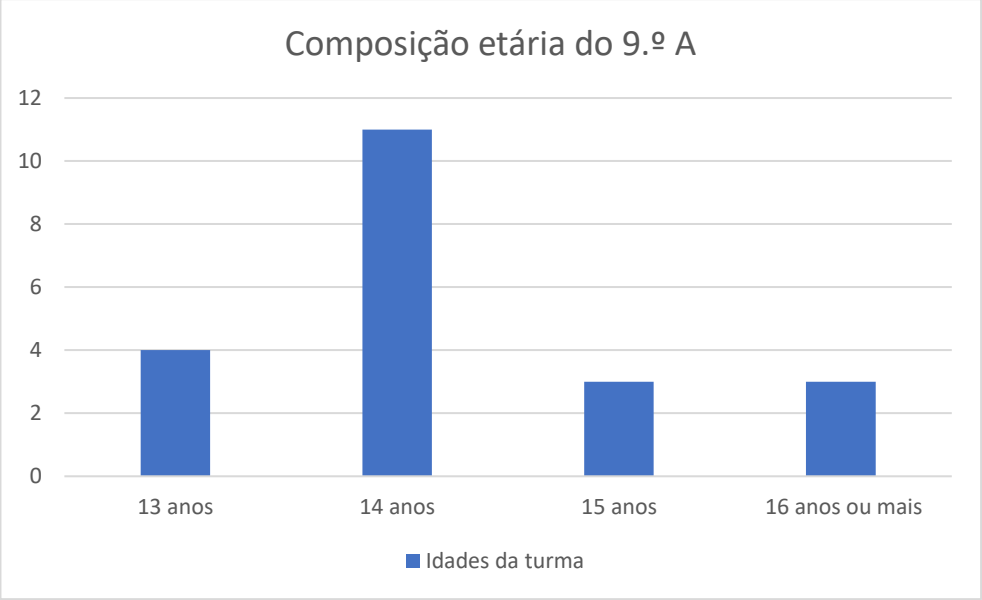



**Gráfico 1** – Composição etária da turma do 9.º A.

A nível de aproveitamento, no ano letivo 2021-2022, destacou-se nesta turma uma aluna com o nível 5, tanto a História, como nas restantes disciplinas. Não obstante, a grande maioria dos alunos tinha resultados medianos ou bons, havendo apenas uma pequena minoria com resultados negativos. Importa salientar que ano 2021-2022 duas alunas tinham Medidas de Suporte à Aprendizagem e Inclusão na disciplina de História.

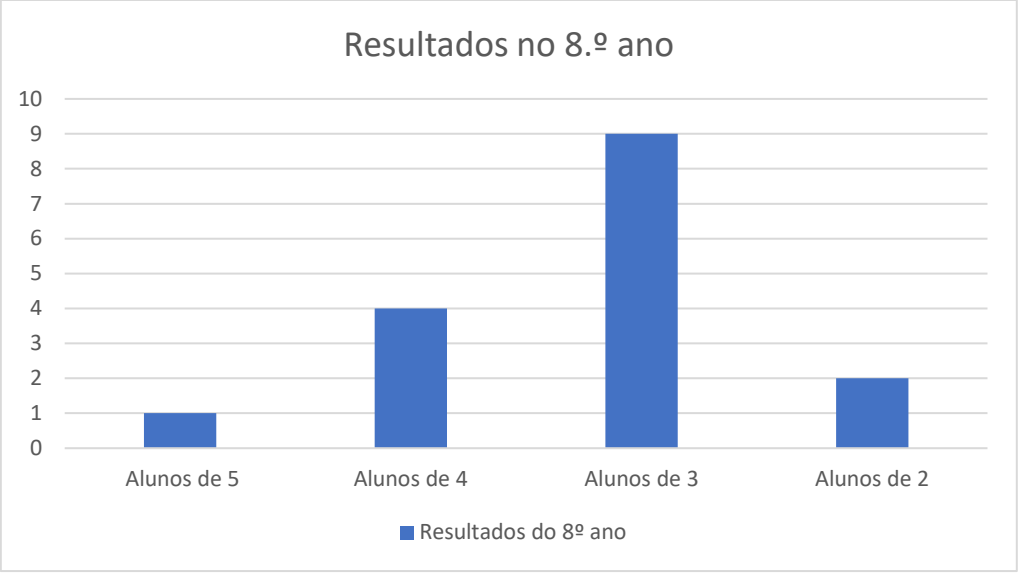



**Gráfico 2** – Resultados a História no ano letivo 2021-2022.

## 1.2. Descrição das atividades

O principal objetivo deste estudo, conforme foi mencionado anteriormente, é efetivamente relacionar a História do desporto (e as suas fontes) com os conteúdos programáticos lecionados no 9.º ano de escolaridade. Efetivamente, principalmente na época contemporânea, o desporto foi instrumentalizado por vários regimes políticos e acabou por ser um palco de lutas ideológicas durante muitas décadas. Ou seja, fez-me total sentido que os alunos do 9.º ano pudessem conhecer algumas partes da realidade política, social, cultural, ideológica e económica, através da perspetiva narrativa da História do Desporto. Por outro lado, pretende-se que os alunos consigam desenvolver o seu espírito crítico-historiográfico e, quem sabe, ganhar mais gosto pela disciplina, através deste estímulo. Por esse motivo, ao longo deste ano letivo 2022-2023, procurei desenvolver atividades que procurassem estimular o interesse dos alunos pela História do Desporto, avaliar a progressão do pensamento histórico dos alunos e descrever os fatores que fizeram melhorar essa progressão. Todavia, tendo em conta que as aulas com o 9.º A eram uma vez por semana, 100 minutos, e existe um programa a ser cumprido e o cenário de aplicação deste meu estudo afigurava-se difícil e de gestão aula a aula.

Relativamente às atividades realizadas em sala de aula tiveram quase sempre como objeto de estudo fontes iconográficas. Segundo Peter Burke, os testemunhos das imagens são importantes no processo histórico-cultural, em virtude de constituírem uma importante forma de evidência histórica. No entanto, existe a necessidade de fazer, como é evidente, uma análise crítica à imagem

em si, para não ser usada de forma indevida[54]. Em relação à utilização das fontes iconográficas na sala de aula importa referir que esta fonte não tem tanta importância se for usada de forma passiva. É necessário utilizar a fonte como um auxiliar didático e de forma produtiva. Segundo Isabel Calado, especialista em literacia e culturas visuais, a perceção visual é ativamente organizada e interpretada e é um processo cognitivo crucial para a compreensão da fonte iconográfica[55]. Paralelamente, a forma como um aluno perceciona uma imagem é sempre influenciada pelas suas experiências, interesses, crenças, afetos e conhecimentos[56]. Em termos de motivação, segundo Isabel Calado, a imagem tem um "grande poder de atração[57]" e, por conseguinte, pode tornar a aula mais dinâmica e enriquecedora. Por outro lado, esta tipologia de fonte contribui "para transmitir aos alunos determinados conteúdos temáticos, para motivá-los nesta ou naquela aprendizagem", e têm o poder "de captar a atenção das crianças e dos jovens e ajudá-los na memorização[58]."

Para além da utilização da imagem optei por utilizar vídeos. No que diz respeito à utilização deste recurso audiovisual na sala de aula importa referir que este meio é claramente mais atraente para uma nova geração habituada a manusear "Youtube", "Netflix" e até mesmo redes sociais. Ou seja, os alunos estão habituados e sentem-se normalmente atraídos pelo audiovisual e, consequentemente, por este tipo de recurso pedagógico. Para Philippe Perrenoud, sociólogo que se debruçou sobre a profissionalização dos professores, atualmente o ensino tem de se adaptar às novas tecnologias e métodos de ensino, assim como aos alunos que, necessariamente, são influenciados pela evolução tecnológica[59]. Ou seja, explorar estes recursos pode contribuir para criar uma dinâmica de sala de aula que potência a assimilação do saber. O vídeo é também um recurso digital que permite ao aluno ter uma experiência sensorial rica e torna as aulas mais diversificadas nas atividades. Por sua vez, a visualização deste tipo de conteúdos permite ao longo do tempo, na teoria, desenvolver a função da memória nos processos orais e a escuta-ativa[60].

---

[54] BURKE, Peter — *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
[55]CALADO, Isabel — *Fronteiras da imagem com a palavra: contributo para uma abordagem da representação e cultura visuais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003. Tese de Doutoramento, p.106.
[56] TADEI, Nazareno — *Educar com a imagem*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
[57] CALADO, Isabel — *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 21.
[58] CALADO, Isabel — *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 19.
[59] PERRENOUD, et al — *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 43.
[60] RECASENS, Margarita — *Como estimular a expressão oral na aula: actividades de percepção e de memória auditiva e visual. Gesto, voz e jogos teatrais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1989 p. 30.

O professor, como é natural, precisa de ver a qualidade do vídeo e analisar a sua duração, som, imagem, cor e os aspetos do vídeo que são mais necessários para a aula. Se não tiver estas condições pode ter o efeito reverso e gerar confusão e instabilidade.

Um dos primeiros conteúdos que se leciona no 9.º ano de escolaridade, na disciplina de História como é evidente, é "a I Guerra Mundial com a aceleração das transformações operadas nos comportamentos, na cultura, nas ciências, nas artes e na literatura", no qual os alunos devem ser capazes de "identificar/aplicar os conceitos" como os de "feminismo, cultura de massas e *mass media*". Deste modo o primeiro trabalho que pensei e desenvolvi no contexto de sala de aula teve como objeto de estudo os anos 20 e a Cultura de Massas, que são conceitos ligados à emergência do Desporto enquanto espetáculo e *hobbie*. Por esse motivo, a turma foi desafiada a formar grupos e pesquisar um exemplo de um evento desportivo nos anos 20 com adesão do público. Na segunda parte do trabalho tiveram de analisar historiograficamente esse desporto, isto é, cada grupo deveria relacionar o tema a I Guerra Mundial e "a aceleração das transformações operadas nos comportamentos" (Aprendizagens Essenciais) e identificar os grupos sociais que tinham a possibilidade de ir a estes eventos.

Efetivamente, pretendia com este trabalho que os alunos desenvolvessem o seu pensamento histórico e percebessem que existem vários ângulos e repercussões provenientes de cada transformação histórica. Miguel Zabalza, professor catedrático e especialista em pedagógica, acredita as aulas devem ter a capacidade de abrir a cabeça dos alunos, criar desafios, perguntar coisas que eles não sabem responder[61]". Por outras palavras, fazer os alunos pensarem e formar cidadãos de plena consciência.

Porém, o que essencialmente queria era promover e criar um ambiente na sala de aula com propostas cada vez mais desafiantes, com experiências diferentes e desenvolver uma maior empatia dos alunos com a disciplina, através destas atividades. Ainda para mais no ensino básico é uma tarefa hercúlea dissociar a disciplina da História do "decorar" ou memorizar, logo o professor pode ter um papel importante para tentar que a História seja mais compreendida, questionada e interessante. Segundo Piaget, um aluno deve ser estimulado a criar e descobrir e por isso proferiu a seguinte frase:

[61] Disponível em: https://www.jn.pt/arquivo/2005/professores-devem-ser-especializados-495665.html/amp/Consultado no dia 25.07. 2023).

A primeira meta da educação é criar homens que sejam capazes de criar coisas novas; homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo a que elas se propõem[62].

História, a meu ver, pode ser exatamente aquilo que Jean Piaget, grande pensador do século XX, acredita para a educação de um jovem. Podem estimular o espírito crítico, a criação e a descoberta e creio que o professor pode ter a capacidade de tornar o ambiente de sala de aula propício para se atingir estas metas. Por outro lado, e apesar da importância do manual e do programa curricular, é fundamental o professor, através das suas abordagens e metodologias, incutir esta lógica na sala de aula. Provavelmente um dos aspetos mais interessantes e ricos da disciplina de História é que nos permite a nós, professores, inúmeras abordagens no processo de ensino, o que pode tornar as aulas dinâmicas e a aquisição de conhecimentos mais apaixonante. Este estudo é mais uma tentativa de contribuir para uma melhor experiência do aluno na sala de aula.

Numa segunda fase, no conteúdo acerca da 1.ª República, os alunos do 9.º ano tiveram de dominar uma série de conteúdos sobre a ação republicana em vários campos: político, económico e social. Este cenário torna difícil a vida de qualquer professor, que apesar dos documentos presentes no manual, deve procurar relacionar as várias medidas republicanas, ao invés de enumerá-las consecutivamente. A enumeração e repetição desenvolve, a meu ver, a tal ideia de que História é uma disciplina de memorização.

Neste período republicano, de facto, promoveram-se muitas medidas sociais, nomeadamente o descanso semanal obrigatório ao domingo, para todos os assalariados, a diminuição do número de horas de trabalho e o direito à greve. Tudo medidas que mudaram a sociedade portuguesa em vários aspetos e que devem ser aprendidas pelos alunos como tal. Ou seja, é interessante o aluno ver as repercussões na vida de um comum português da época e por esse motivo desenvolvi com os alunos em sala de aula o caso de estudo do Desporto. Efetivamente, a luta pelo descanso semanal obrigatório ao domingo, para todos os assalariados, foi importante para o desporto e permitiu, por exemplo, que as famílias pudessem ir ao futebol nesse dia específico. Por conseguinte, o futebol em Portugal tornou-se para além de um desporto, uma indústria de entretenimento do povo e as

[62] MAGALHÃES, Daniela — *A Arte da Pintura nas aulas de História: Ver, ler e fazer*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019, p. 31.

assistências nos campos de futebol cresceram nos anos 10 e 20 consideravelmente[63].

Através deste ângulo e da utilização de fontes iconográficas os alunos tiveram a oportunidade de verem um estádio composto por 149 mil pessoas num jogo na Escócia e um desafio com grande adesão do público em Portugal em 1913. Desta forma procurei relacionar estas conquistas sociais com o aumento do tempo de lazer das pessoas no geral. Por outro lado, numa altura em que a República portuguesa queria afirmar-se no contexto internacional, um evento futebolístico foi aproveitado para estreitar ligações com o Brasil, o que já por si demonstra a crescente popularização da modalidade no país[64]. De facto, a diversidade das fontes iconográficas no Desporto pode constituir uma aula mais aliciante e permite-nos contar uma história dentro da história. Por outro lado, permite-nos diferentes perspetivas e o acesso a pormenores importantes, que não constam no manual e que permitem ao aluno interpretar uma dada medida política ou um dado evento com um olhar mais crítico, isto é, mais analítico e de relacionamento de factos. Com todo este trabalho existe, portanto, a expetativa de criar uma nova experiência pedagógica integrá-lo na sala de aula e levar a uma melhor compreensão dos conteúdos por parte do aluno.

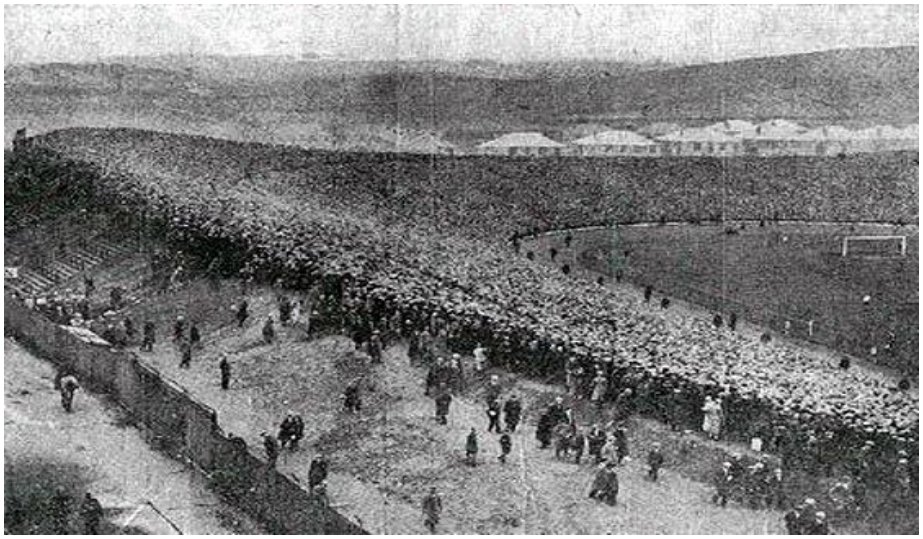


**Figura 1 –** Hampden Park (Glasgow) Inglaterra venceu a Escócia por 2 x 1 e no estádio estiveram 149 mil pessoas (1927) **Fonte:** Os imortais do futebol[65]

[63] COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo: História do futebol em Portugal*, p. 134.
[64] MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) — *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*. Porto: Afrontamento, 2013, p. 67.
[65] Disponível em: https://imortaisdofutebol.com/hampden-park-pioneiro-das-multidoes/(Consultado no dia 12.05.2023).



**Figura 2 –** Desafio entre o Benfica e o New Crusaders em 1913**. Fonte:** *Tiro e Sports*, n.º 509, 30 de abril de 1913, p. 2.




**Figura 3 –** Equipa portuguesa no Brasil em 1913**. Fonte:** *Correio Paulistano*, n.º 17.961, 23 de julho de 1913, p. 1.

Para avaliar a progressão do pensamento histórico dos alunos elaborei uma questão de aula para a turma, no qual os alunos deveriam escrever numa folha à parte um pequeno texto sobre quem contribuiu para o estabelecimento do domingo como dia de descanso obrigatório, a limitação máxima de oito horas de trabalho diário e o seu impacto na sociedade.

Posteriormente, no 9.º ano de escolaridade, pretende-se que os alunos consigam dominar conceitos como "ditatura", "fascismo", "nazismo", "totalitarismo" e conforme nos diz as Aprendizagens Essenciais é necessário conseguir-se "relacionar a ascensão ao poder de partidos totalitários com as dificuldades económicas e sociais e com o receio da expansão do socialismo, realçando o papel da propaganda e descrever as principais características dos regimes totalitários".

Ora, tendo em conta que a maior parte destes conteúdos são uma completa novidade para os alunos importa criar estratégias de aprendizagem que possam contribuir para uma maior consolidação destes conteúdos e, por isso, voltei a utilizar diferentes fontes e perspetivas para atingir um bom desempenho.

No que toca a conceitos como "nacionalismo", "propaganda" e "raça superior" optei por utilizar fontes iconográficas e documentais relacionadas com o Desporto para os alunos entenderem o seu significado. No caso italiano usei o exemplo do Mundial de 1934, no qual a Itália queria mostrar a força do seu regime e ao mesmo tempo tinha um intuito de propagandear os seus feitos e unir os italianos em torno da nação.



**Figura 4 –** A seleção italiana em 1938**. Fonte:** Dicas de educação física[66].

Na figura 4 conseguimos rapidamente ver a relação de cumplicidade da seleção italiana de futebol com o regime fascista de Mussolini. De facto, nesta fonte iconográfica mostrada em sala de aula, verificamos que os jogadores italianos e milhares de adeptos no estádio estão a fazer a saudação fascista, ou seja, existia também um carácter propagandístico subjacente. Mais tarde, no final da prova, a Itália venceu a competição para o delírio dos italianos em geral. O fervor nacionalista esteve presente, uma vez mais, nesta vitória. Até mesmo o selecionador italiano no

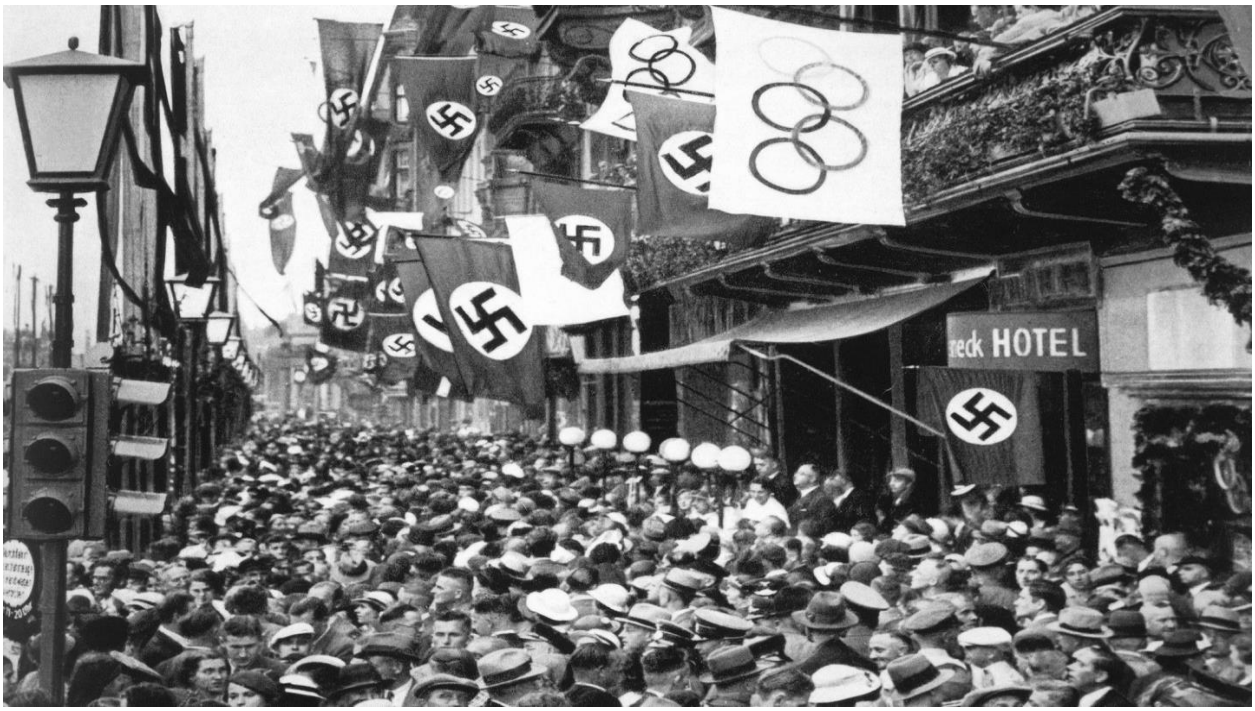
[66] Disponível em: **https://www.dicaseducacaofisica.info/pt-pt/copa-do-mundo-de-1934/**/(Consultado no dia 27.04.2023).

Mundial de 1938 afirmou o seguinte:

*Partimos para Marselha, para defrontar a Noruega, e fomos cair no centro de uma tempestade. Injustamente, a partida foi envolvida num espetro polémico-político. Os nossos jogadores representam orgulhosamente a pátria e não têm nenhum interesse político. Apesar disso, milhares e milhares de emigrantes italianos criaram um ambiente intimidante. Sobretudo porque, ao contrário do que eu lhes disse, ao fazerem a saudação de braço estendido, não fixaram os olhos no infinito e observaram a raiva dos compatriotas nas bancadas o que mexeu com eles de forma categórica*[67].

Este testemunho de Vittorio Pozzo, jornalista e selecionador italiano em 1938, utilizado na sala de aula, demonstra bem o nacionalismo presente no seio da seleção e o sentimento de pertença dos emigrantes, por exemplo, ao fazer a saudação de "braço estendido". Apesar de, segundo o selecionador italiano, não haver nenhuma motivação política, existia, evidentemente um patriotismo fervoroso dos jogadores italianos e dos adeptos em geral.

Por sua vez, no regime alemão, Hitler usou o Desporto da mesma forma como Mussolini, ou seja, para mostrar uma "nova Alemanha". No entanto, relativamente ao caso alemão, optei por usar em sala de aula um outro caso de estudo: Os Jogos Olímpicos de Berlim (1936). Mais uma vez recorri a fontes iconográficas para os alunos interpretarem este caso de estudo e entenderem a importância da propaganda neste regime político.




[67] Disponível em: https://sol.sapo.pt/artigo/727163/1938-o-fascismo-saiu-de-casa/(Consultado no dia 12.02.2023). https://sol.sapo.pt/artigo/727163/1938-o-fascismo-saiu-de-casa.

**Figura 5 –** O ambiente Olímpico em Berlim**. Fonte:** Observador[68]

Nesta imagem, o objetivo é que os alunos consigam entender, em primeiro lugar, a dimensão de um evento como os Jogos Olímpicos, que junta muitos países e promove o espetáculo desportivo. E num plano mais indireto a tentativa de a Alemanha mudar a sua imagem associando-se a um evento desta dimensão para mostrar essencialmente um país hospitaleiro, moderno e, como é evidente, vencedor. Por fim, pretendo que os alunos consigam relacionar o conceito de propaganda com os Jogos Olímpicos de 1936, em virtude de este evento ser adequado para a Alemanha mostrar uma determinada imagem ao Mundo. Efetivamente, a ideia central da análise deste caso de estudo é que os grandes eventos eram utilizados para a promoção das ideias nazis (Propaganda e nacionalismo). Para uma análise cuidada tive que, naturalmente, criar métodos e fazer um questionamento assertivo, de modo a que um aluno consiga melhorar a sua capacidade de interpretação. Definitivamente, a meu ver, os alunos com este tipo de trabalho de aula podem desenvolver a atenção visual, melhorar a sua orientação no espaço, praticar a formulação de perguntas lógicas e, claro está, exercitar a compreensão oral[69]. O professor deve orientar o aluno para as soluções, encorajar e suscitar a necessidade de observação, verificação e permitir ao aluno que procure soluções pelos seus meios intelectuais[70]. Desta forma, construtiva e interativa, pode-se permitir que o aluno se torne autónomo e tenha o seu desenvolvimento natural[71].Só assim é possível entender a informação e riqueza de pormenores que estas fontes nos podem dar. Procurei também contextualizar as imagens, situá-las no espaço e no tempo, para evitar anacronismos que iriam enviesar a análise da fonte. Aliás, segundo Piaget, a compreensão histórica pressupõe a noção do tempo em dois aspetos diferentes: avaliação da duração e da seriação dos acontecimentos[72].

Posteriormente a etapa que se seguiu passou por um "processo descritivo para identificar ícones e símbolos[73]", como por exemplo, na figura 5, o símbolo nazi e das Olimpíadas. Para terminar, a última etapa passa por fazer uma interpretação iconológica para que os alunos

[68] Disponível em: https://observador.pt/2016/08/11/berlim-1936-os-jogos-que-anteciparam-a-guerra/ /(Consultado no dia 07.04.2023).
[69] RECASENS, Margarita — *Como estimular a expressão oral na aula: actividades de percepção e de memória auditiva e visual. Gesto, voz e jogos teatrais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1989, p. 20.
[70] PIAGET, Jean — *Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget,1999, p. 20.
[71] PIAGET, Jean — *Pedagogia*., p. 20.
[72] PIAGET, Jean — *Pedagogia*, p. 89.
[73] SANTOS, C. A. — *Alegoria, Iconografia e Iconologia: diferentes usos e significados dos termos na História da Arte*. XIII Seminário de História da Arte, 2014. https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/4903/3644 (Consultado no dia 27.03.2023).

entendam o "significado intrínseco[74]" da fonte.

No final desta análise, sempre em interação com os alunos, desafiei-os a responder a uma questão aula que era:

1. Como a Itália e a Alemanha utilizaram o desporto em seu proveito?

Com esta questão, de resposta aberta, o objetivo era que os alunos relacionassem os eventos analisados com os novos conceitos que aprenderam como "nacionalismo", "propaganda" e até a tese nazi da "raça superior".

Mais à frente, ainda no âmbito dos regimes totalitários estudados no 9.º ano e para distinguir o regime fascista italiano e nazi alemão do regime salazarista usei novamente uma estratégia de aprendizagem com fontes da História de Desporto na minha aula sobre o Estado Novo. Ou seja, para não confundirem e misturarem conceitos destes três regimes políticos analisei com os alunos o carácter ruralista do regime salazarista, que é um dos seus traços característicos. Esta característica influenciou a relação entre o Desporto e o regime salazarista e tornou-se um caso diferente do regime italiano e alemão. Para concretizar esta ideia utilizei uma frase do historiador Ricardo Serrado, especialista em História do Desporto, no contexto de sala de aula, que nos afirma o seguinte:

*O Estado Novo tinha uma ideia para o futebol, e do desporto em geral que deveria ser amador, ao serviço da nação, da educação física e para o cultivo do corpo. O desporto de espetáculo, de massas, era amplamente condenável para o Estado novo. Ou seja, o Estado Novo procurou impedir que o desporto fosse um espetáculo, um entretenimento ou uma profissão*[75].

Com esta frase do historiador Ricardo Serrado pretende-se que os alunos consigam perceber que o regime salazarista tinha características únicas e uma aversão a quase tudo que fosse urbano e aglomerasse pessoas. Por esse motivo nunca contribuiu para a promoção do Desporto enquanto espetáculo, ao contrário do regime italiano e alemão, e via com maus olhos todos os ajuntamentos de pessoas. Para consolidar esta ideia optei por usar uma fonte iconográfica de um jogo da final da taça de Portugal em 1969, no qual um grupo de estudantes afetos à Académica de Coimbra, se manifestaram contra o Estado Novo.

[74] BURKE, Peter — *Testemunha Ocular*, p. 45.
[75] Disponível em: https://www.publico.pt/2013/04/25/desporto/entrevista/o-futebol-e-mais-instrumentalizado-hoje-do-que-foi-durante-o-estado-novo-1592434/(Consultado no dia 07.04.2023).




**Figura 6–** A manifestação dos estudantes contra o Estado Novo**. Fonte: Zerozero**[76]

Nesta figura conseguimos ver, com relativa facilidade, as reivindicações estudantis e pretende-se que os alunos consigam associar esta imagem aos receios do Estado Novo em associar-se a grandes espetáculos desportivos. Posto isto é importante reforçar com os alunos que o desporto, enquanto espetáculo, e o Estado Novo tinham valores antagónicos, uma vez que o primeiro promovia um lado efusivo, emocional e indisciplinado que se opunha a valores como: ruralismo, moralismo, disciplina e ordem. O desporto e o futebol eram tão pouco apreciados por Salazar que a certa altura, após a vitória do Benfica na Taça dos Campeões europeus, em 1961, o Presidente do Conselho colocou a seguinte questão: "Foi então difícil de resolver o vosso problema de futebol? Este jogo não foi fácil, segundo confirmam". Estas palavras evidenciam o seu "desconforto" ao falar da modalidade e ao mesmo tempo mostram que Salazar não viu sequer a partida que foi um marco para o futebol português[77].

Para consolidar estas aprendizagens e avaliar a progressão dos alunos optei por fazer um questionário aos alunos acerca dos regimes italiano, alemão e português, tendo em conta as fontes utilizadas e mencionadas neste estudo. Elaborarei quatro questões de escolha múltipla,

[76] Disponível em: https://www.zerozero.pt/text.php?id=1345/(Consultado no dia 07.04.2023).
[77] *Visão História*, n.º 66, agosto de 2021, p. 56.

sobre particularidades de cada um destes três regimes, uma questão de associação e, por fim, sete questões de resposta rápida sobre o grau de satisfação dos alunos acerca da exploração da História do Desporto e as suas fontes. Estas sete questões eram compostas por quatro perguntas de escolha múltipla e três de resposta rápida e o objetivo desta segunda parte do questionário é aferir o interesse dos alunos sobre esta temática e perceber o sentimento dos alunos perante esta dinâmica de aula. Ou seja, pretendia ler as sugestões dos alunos para futuras aulas.

Relativamente à última atividade, debrucei-me acerca da Guerra Fria, que é, uma vez mais, um conceito novo nunca estudado pelos estudantes. Um dos objetivos presentes nas Aprendizagens Essenciais do 9.º ano é que os alunos consigam "compreender a Guerra-Fria como resultado das tendências hegemónicas dos EUA e da URSS, dando origem à formação de blocos militares e a confrontos".

Neste tema, os alunos devem compreender que a URSS e os EUA estavam em constante tensão em campos como o político, económico, espacial e mais uma vez, no desporto. Inicialmente, na minha aula supervisionada, escolhi uma motivação sobre esta temática no qual mostrei um excerto do filme "Rocky Balboa IV". Neste excerto, os alunos visualizaram uma parte do filme, que antecedeu ao combate entre o Rocky e o Drago, em que se entoa o hino da URSS e se vê vários elementos ligados ao regime soviético presentes no combate. Mesmo o pugilista americano mostrava que representava a nação, através dos seus calções com as cores da bandeira dos EUA. Ambos os lutadores tinham uma indumentária ilustrativa das suas nações e toda a atmosfera moscovita mostrava a importância para além do expectável de um "mero" combate de boxe. Conforme disse anteriormente, até os principais líderes soviéticos estavam representados na arena para mostrar o seu apoio a Drago. Esta parte do filme servia para tentar motivar os alunos para a temática e mostrar que os campos de batalha ideológicos não eram só políticos e militares. Até no cinema e desporto existia influência da Guerra Fria[78].

[78] Disponível em: **https://www.youtube.com/watch?v=bRdClgpw4-s**/(Consultado no dia 15.01.2023).

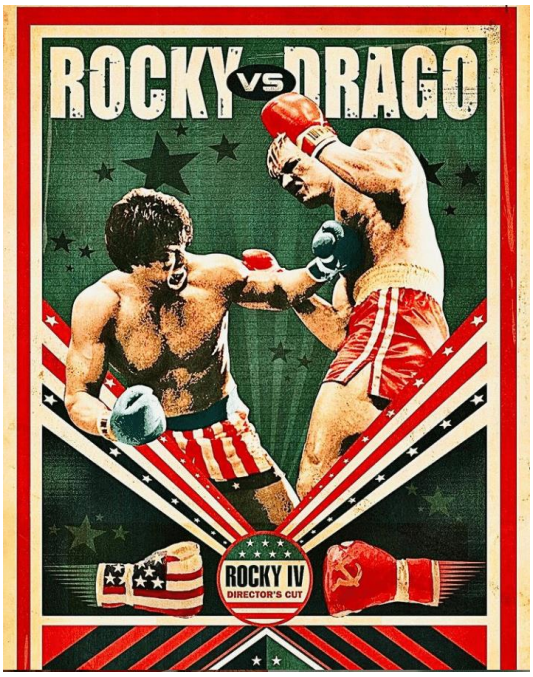



**Figura 7 –** Imagem do filme Rocky IV**. Fonte:** Olhar Digital[79]**.**

Numa aula posterior, para consolidar a temática da Guerra Fria, selecionei um documentário de doze minutos da "Washington Post", que retratava o boicote americano aos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980. Efetivamente, os Jogos Olímpicos de 1980, em Moscovo, foram marcados pelo boicote do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, como parte de um pacote de ações para protestar contra a invasão soviética ao Afeganistão, em dezembro de 1979. Deste modo, com a visualização do documentário da "Washington Post" acerca do boicote americano aos Jogos Olímpicos em Moscovo (1980), existe o intuito de motivar, promover o espírito crítico e criar uma experiência distinta em sala de aula para os alunos. Por outro lado, o objetivo é mostrar, mais uma vez, que os campos de batalha ideológicos não eram só militares. Até num dos maiores eventos mundiais existia influência da Guerra Fria. Espera-se também que os alunos consigam relacionar os conflitos militares destas duas potências com o "xadrez" político em várias áreas, nomeadamente num evento global como os Jogos Olímpicos. Vários atletas americanos prepararam-se arduamente e tinham neste evento, em 1980, a sua última oportunidade e não foram devido a estas incidências diplomáticas.

Para avaliar a progressão do seu conhecimento os alunos fizeram, à posteriori, uma ficha de aula para consolidar a matéria aprendida. Todas as questões eram relacionadas com o documentário

[79] Disponível em: https://olhardigital.com.br/2021/06/29/cinema-e-streaming/stallone-confirma-data-directors-cut-rocky-iv//(Consultado no dia 15.01.2023).

visto e a ficha era composta por três escolhas múltiplas e uma pergunta final:

1. Quais foram os principais motivos para os EUA não participarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo?

Nesta questão, os alunos deviam retirar do documentário os motivos para os EUA não participarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980, nomeadamente a invasão soviética ao Afeganistão, em 1979, a alegada ação agressiva da URSS e a tensão diplomática durante a Guerra Fria entre os EUA e a URSS. No próprio documentário o presidente americano diz que estava em causa a integridade dos atletas e espectadores americanos.

Ao chegarem a estas conclusões, os alunos não só mostravam progressão na sua capacidade de análise histórica, como mais facilmente no futuro poderiam ter mais capacidade de ir aos documentos durante uma prova de avaliação e retirar as informações necessárias para a resposta a uma questão. Por sua vez, aproximam-se de um objetivo das Aprendizagens Essenciais que visa compreender a Guerra Fria e as origens dos confrontos dos dois blocos.

# Capítulo 2 – Os primeiros resultados

## 2.1. O trabalho de grupo

Na primeira atividade realizada em sala de aula, para este estudo, decidi promover um trabalho de grupo com objetivos específicos. Primeiramente, formaram-se cinco grupos compostos por três grupos com quatro elementos, um grupo com cinco elementos e outro com três. No que diz respeito à atividade em si, escolhi um trabalho de grupo em virtude de ser uma prática que desenvolve a liderança, argumentação, raciocínio lógico e, algo muito importante no ensino básico, o saber ouvir e respeitar diferentes opiniões. Mesmo o ambiente em sala de aula pode tornar-se mais desafiador e, tendo em conta o desafio da pesquisa de cada grupo, pode promover a criatividade e espírito de entreajuda.

Contudo, para alcançar estes objetivos descritos e tudo correr bem importa criar grupos pequenos, uma vez que se forem demasiado extensos pode conduzir a uma aula barulhento e o professor deve ter um papel ativo no trabalho de aula de cada grupo. No entanto, a turma teve liberdade de escolher os elementos de cada grupo. Posteriormente, no momento de trabalho em

sala de aula, procurei auxiliar os alunos ao conferir a cada elemento dos grupos uma determinada função especifica para o trabalho, em virtude de que a diversificação das funções e até das habilidades de cada aluno ajuda a organização do trabalho.

Contudo, é fundamental todos contribuírem para além da categoria a cada uma atribuída e cabe-me a mim, professor, estar por perto e ver e analisar a contribuição de cada um. Importa referir que tentei que trabalhassem somente em sala de aula para deste modo poder perceber com maior rigor o grau de participação de cada aluno. Para além disso, o recurso a um trabalho de grupo pode permitir o melhoramento de competências sociais, autonomia, pois o aluno ouve os companheiros, analisa, expõe as suas ideias, questiona, argumenta, justifica e avalia. Ou seja, o aluno tonar-se ativo no processo de aprendizagem.

Quanto ao professor deverá desenvolver uma metodologia que permita que esta dinâmica funcione. Por esse motivo a definição de papeis a cada aluno para envolvê-los na dinâmica de trabalho de grupo é fundamental para evitar que um ou dois membros sejam mais dinamizadores que os restantes. Durante o trabalho de aula, principalmente neste ano de escolaridade é importante perceber alguns aspetos individuais e nivelar:

| | Nível 1 | Nível 2 | Nível 3 | Nível 4 | Nível 5 |
|---|---|---|---|---|---|
| Contributo de cada aluno | Recusa-se a contribuir e perturba a organização do grupo. | Trabalha apenas quando solicitado; é fator de distração dos colegas. | Trabalha de forma intermitente ou ocasionalmente para os objetivos do grupo | Trabalho para os objetivos do grupo; aceita e cumpre com boa vontade. | Lidera pelo exemplo e trabalha consistentemente para os objetivos do grupo. |
| Comportamento | Não respeita as opiniões e ideias dos colegas; é conflituoso e não aceita críticas. | Precisa, ocasionalmente de ser alertado pelo seu comportamento ou por não ser sensível às opiniões e ideias dos outros colegas. | Mostra algum respeito pela opinião dos outros e cumpre, a maioria do tempo, as regras de sala de aula. | Encoraja a participação dos colegas do seu grupo. | Encoraja a participação dos colegas do seu grupo; valoriza os conhecimentos e as opiniões dos restantes membros do grupo. |

**Figura 8 –** Critérios de avaliação individuais**.**

De seguida, cada grupo recebeu uma folha com a explicação dos objetivos do trabalho. Esses objetivos passavam por, inicialmente, escolherem um desporto, elaborar uma pequena introdução com a história da modalidade e, posteriormente, pesquisar uma imagem de um evento desportivo nos anos 20 com adesão do público. Relativamente à escolha do desporto a abordar, os grupos tinham um desafio, que passava por escolher um que tivesse público e expressividade nos anos 20. Para além disso era importante que os alunos conseguissem relacionar a emergência desses desportos com as mudanças de comportamento nos denominados "Loucos anos 20", como a busca desenfreada de prazeres, divertimentos, moda, vida noturna e prática de desporto. O exemplo de evento desportivo nos anos 20 dado em aula foi a já mencionada partida em Glasgow entre a Inglaterra e a Escócia, no qual marcaram presença 149 mil pessoas. Ademais os alunos tiveram uma abordagem em aula, no qual se trabalhou a importância que teve o aumento do tempo de lazer nos anos 20, na Europa. Por conseguinte, as assistências nos campos de futebol atingiram números nunca vistos.

Tendo em conta que, em aula, foi trabalhado um caso de estudo ligado ao Desporto, mais concretamente ligado ao futebol, dos cinco grupos, dois escolheram desenvolver um trabalho sobre esta modalidade. Não obstante, existiu um ecletismo interessante, já que os restantes três grupos escolheram modalidades distintas. Optaram pelo ciclismo, boxe e voleibol. Em termos de avaliação decidi fazer da seguinte forma:

| Introdução | Desenvolvimento | Média | Trabalho Oral | Trabalho Escrito | Conclusão | Atitudes e valores | Média final |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Percentagens | 55,00% | 10,00% | 10,00% | 15,00% | 10,00% | 100,00% |

**Figura 9 –** Grelha de avaliação do trabalho.

A nível coletivo é importante classificar a organização do trabalho, a cooperação, relacionamento e harmonia do grupo e por fim a criatividade dos seus materiais, neste caso, do seu *PowerPoint*. Efetivamente, optei por premiar a atividade coletiva, mas também o individual com critérios de avaliação como o trabalho oral, atitudes e valores. De facto, critérios específicos como introdução, desenvolvimento e trabalho escrito podem ser diferentes entre elementos do mesmo grupo, uma vez que, durante o trabalho de aula é possível aferir o interesse, envolvimento, responsabilidade e compromisso com a atividade. Por sua vez, no trabalho oral, é possível perceber a comunicação de cada aluno e, evidentemente, há alunos com maior à-vontade neste parâmetro, mas também permite-nos analisar o domínio do conteúdo apresentado, o desenvolvimento do seu

raciocínio histórico e organização da sua apresentação. Através destes critérios é mais possível distinguir dentro dos grupos quem tem maior destaque.

No que concerne à escolha da imagem apenas um dos grupos não escolheu a imagem de um evento desportivo ocorrido nos anos 20. Apesar de tudo esse grupo mencionou um evento desportivo com grande adesão do público nos anos 20, os Jogos Olímpicos de Amesterdão em 1928. Ou seja, todos os grupos conseguiram escolher uma modalidade e relacioná-la com a crescente democratização do Desporto na década de 1920, o que fez com que um objetivo do trabalho fosse cumprido. Importa salientar que a escolha da imagem exigia alguma pesquisa, principalmente em modalidades como boxe, voleibol e ciclismo, em virtude de terem de se enquadrar com os anos 20.




**Figura 10 –** A imagem escolhida pelo grupo do Voleibol



**Figura 11 –** A imagem escolhida pelo grupo do futebol.



**Figura 12–** A imagem escolhida pelo grupo do Ciclismo.

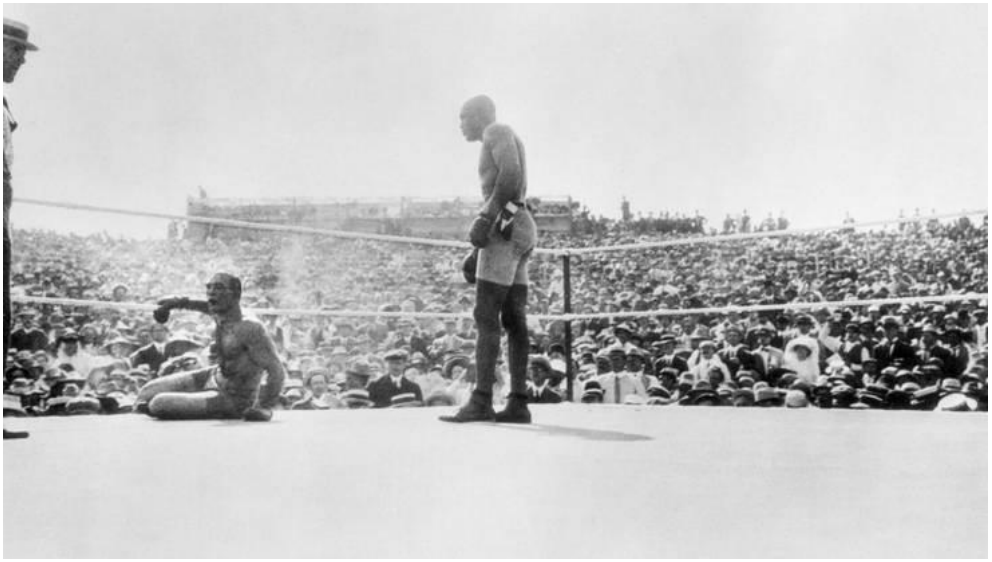


**Figura 13 –** A imagem escolhida pelo grupo do Boxe.

Importa referir que apenas dois grupos colocaram a data da fotografia encontrada e nenhum dos grupos citou a fonte. A figura 10, acerca do ciclismo, remonta ao ano de 1927, na primeira edição da Volta a Portugal e a figura 11 ao ano de 1910. Ou seja, em termos cronológicos era importante num trabalho posterior e mesmo em sala de aula desenvolver melhor esta competência espácio-temporal, que é essencial na disciplina de História. No entanto, esta turma é do 9.º ano de escolaridade e nunca tinha desenvolvido um trabalho com estes objetivos. De facto, no ensino básico, a maior parte dos trabalhos de grupo é mais de pesquisa e não de relacionamento de factos históricos e de rigor em termos de fontes. Outra das questões menos positivas, mas naturais no ensino básico foi a utilização da língua portuguesa e do "copy/paste". Dos cinco grupos, três

tinham no seu texto termos em português do Brasil. Posteriormente, nas apresentações orais, deu para perceber o nível de trabalho de cada aluno e claramente existiram algumas discrepâncias que se refletiram na nota do trabalho.

Por outro lado, existiram dados que mostraram uma boa progressão dos alunos, como o facto de um dos grupos ter relacionado com muita clareza o fenómeno desportivo com os anos 20:

O futebol começou a atrair muita gente independentemente da sua classe financeira. Porém algo que facilitou a sua popularização foi os jogos se realizarem aos domingos que era dos únicos dias que os trabalhadores tinham "folga". Então os trabalhadores procuravam formas de lazer sendo futebol a maioritariamente escolhida. Tendo assim vários eventos sobre o desporto que sobrelotavam os espaços como os Jogos Olímpicos de verão de 1920.

Nesse pequeno excerto do seu trabalho conseguimos verificar que os elementos do grupo conseguiram fazer algo muito complicado neste nível de escolaridade: relacionar factos. Efetivamente, os alunos desse grupo relacionaram a emergência do Desporto, e mais concretamente do futebol, com a crescente luta pelo descanso semanal ao domingo. E, fruto do trabalho em aula, conseguiram perceber que o facto de aos domingos ser um dia de descanso para os trabalhadores, permitiu-lhes irem aos campos de futebol ver um jogo. A maior parte dos trabalhos realizados debruçou-se acerca da evolução da sua respetiva modalidade, com especial destaque a evolução nos anos 20.

Relativamente ao modo de apresentação do trabalho todos optaram pelo *PowerPoint*, sendo uns, mais criativos que outros. Um dos grupos destacou-se pela sua criatividade na escolha do *layout:*



**Figura 14:** O layout de um dos grupos de futebol.

Por sua vez, outro dos grupos destacou-se pelo uso de imagens pertinentes de várias modalidades, apesar de nunca serem citadas as fontes, datas e terem uns erros ortográficos.




**Figura 15:** Os eventos desportivos nos anos 20 citados pelo grupo do voleibol.

Este grupo em particular destacou-se pela diversidade de eventos desportivos encontrados e pelo "à-vontade" de quase todos os membros com o tema. Ainda foram originais ao utilizarem o quadro da sala de aula, de forma dinâmica e apelativa, para desenhar a evolução da bola de voleibol ao longo dos tempos.

Posto isto, o balanço foi relativamente positivo, no entanto percebi que existem alguns aspetos concretos à disciplina de História que são importantes trabalhar em sala de aula. A localização no espaço e no tempo, a análise crítica e o relacionamento de factos foram as maiores dificuldades dos alunos, no geral, neste trabalho de grupo. Por esse motivo nenhum aluno teve uma nota superior a 85%. No entanto a média da turma, em termos de resultados fixou-se no patamar de bom e corresponde à percentagem de 75,35%.

De facto, os alunos responderam bem à estratégia de aprendizagem, mas não estavam preparados para este tipo de trabalho em sala de aula. Contudo, o trabalho de grupo foi levado, de maneira geral, a sério, e estiveram grande parte do tempo em sala de aula entusiasmados pelo tema ser desporto e por ser um trabalho em grupo, como é natural. Deste modo, o ambiente na aula de história foi dinâmico e interativo, sem ocorrências a nível disciplinar. Tentaram também cumprir

os objetivos do trabalho, em virtude de a maioria dos grupos terem todos escolhido uma imagem de um evento desportivo nos anos 20 e descreveram, todos, os traços evolutivos de cada uma das modalidades, com enfoque nos anos 20.

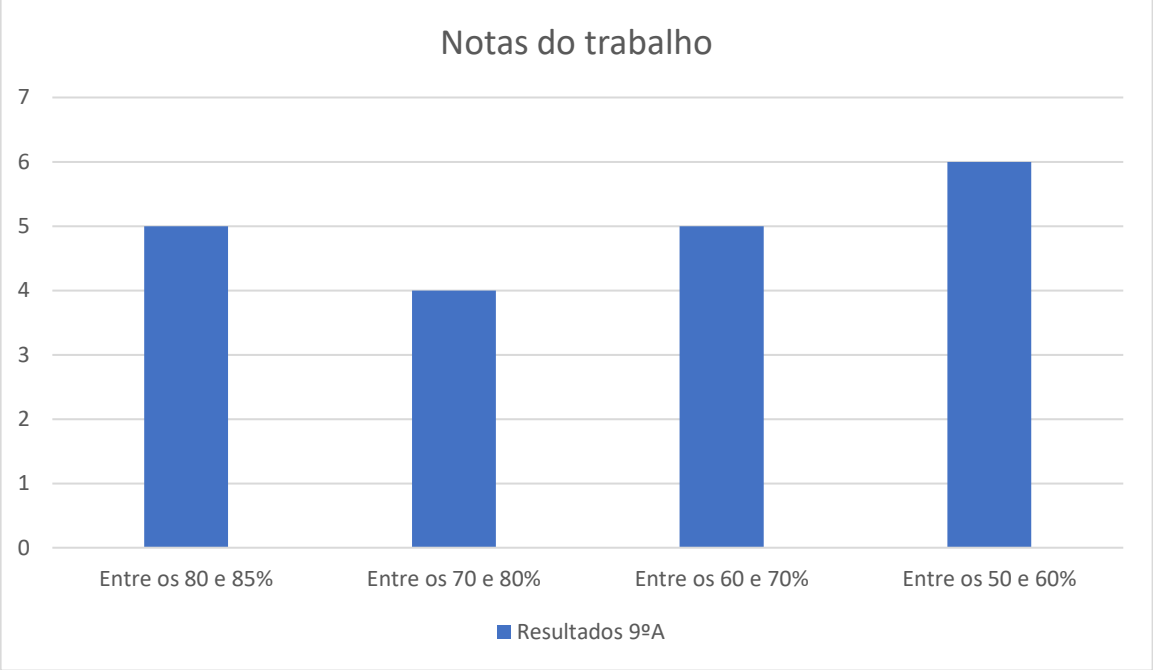



**Gráfico 3 –** Os resultados do trabalho de grupo do 9.º A.

Por outro lado, importa também analisar a discrepância de notas dentro do seio de cada grupo. Num dos grupos de futebol existiram notas individuais entre os 51,50% e os 82,50% e no outro grupo de futebol as notas variaram entre os 56% e os 70%. Por sua vez, no grupo do voleibol existiram notas entre os 52,00% e os 85%, no boxe entre os 59% e os 75% e por fim no ciclismo entre os 57,50% e os 80%. É importante, a meu ver, fazer esta análise de resultados, de forma a destacar as notas de quem trabalhou mais afincadamente e para refletir sobre a diferença de performance dos alunos neste trabalho. Esse nível de esforço, indiretamente, também reflete a motivação dos alunos. É interessante constatar que nesta atividade nove estudantes obtiveram uma classificação acima dos 70%, o que corresponde a quase metade da turma. Outro facto a considerar é que não houve negativas, apesar de os alunos com notas entre os 50% e os 60% serem os mais representados, com seis elementos.

Por último, conforme mencionado anteriormente, as apresentações orais permitiram-me perceber o nível de preparação de cada aluno e fiz assim uma análise individual, tendo em conta critérios descritos na figura 8. Relativamente a este trabalho resta-me dizer que três alunos não fizeram a apresentação oral do trabalho, uma vez que faltaram.

## 2.2. Questões aula

Após uma atividade promovida em grupos de trabalho, decidi realizar duas atividades individuais e de redação escrita. No meu entender, e principalmente no 9ºano de escolaridade, é importante desenvolver competências escritas e melhorar aspetos que eu achei que ficaram menos conseguidos no trabalho de grupo, nomeadamente a localização no espaço e no tempo, redação escrita, a análise crítica e o relacionamento de factos. A primeira questão aula realizada em sala de aula, tal como evidenciado anteriormente, foi acerca da 1ª República. Optei por esta estratégia em virtude de já haver um trabalho anterior no qual já tinha abordado parte do conteúdo necessário para a resposta desta primeira questão aula, que se debruçou acerca das medidas sociais promovidas na 1ª República. Ou seja, quem contribuiu para o estabelecimento do domingo como dia de descanso obrigatório e a limitação máxima de oito horas de trabalho diário e o seu impacto na sociedade.

Anteriormente, no meu plano de aula, trabalhei com os alunos as políticas republicanas e os seus campos de intervenção, nomeadamente sociais, educacionais e as características do sistema republicano português. Deste modo, procurei instigar os alunos a relacionarem medidas como a diminuição dos horários de trabalho, o decreto que estipulou o limite máximo de oito horas de trabalho diário e o estabelecimento do domingo como dia de descanso obrigatório em Portugal com questões anteriormente abordadas, acerca do aumento do tempo de lazer, um pouco por toda a Europa e a Cultura de Massas. A meu ver esta abordagem era uma forma interessante de colmatar aspetos que no trabalho de grupo não ficaram tão bem conseguidos.

Importa referir que as questões de aulas são um "barômetro" importante que ajudam o professor a perceber se o aluno está a aprender bem ou não os conteúdos. Posteriormente, a ideia é analisar as suas respostas e presentear os alunos com um feedback, de modo a melhorarem algumas questões e dar-lhes tempo para identificarem e corrigirem os seus erros. Por esse motivo é crucial, no meu entender, fazer uma nova questão aula, pouco depois, para desta forma perceber se esta estratégia facilita a apropriação deste conteúdo e ao mesmo tempo promover maior autonomia de trabalho do aluno, para que este consiga regular a sua aprendizagem e diagnosticar o seu conhecimento.

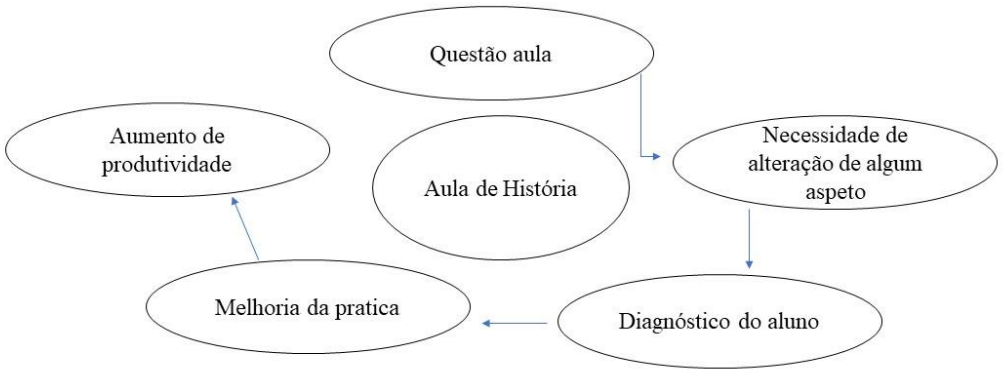



**Figura 16:** Esquema dos objetivos da 1ª questão aula.

Posto isto, o objetivo é observar numa segunda questão aula uma melhoria prática das questões já enumeradas que não correram tão bem no primeiro trabalho de grupo. E o meu papel, enquanto professor, é assumir o controlo do processo, com flexibilidade e discernimento crítico e operar várias adaptações, caso sejam necessárias e importantes para o sucesso do aluno.

No que diz respeito aos critérios de avaliação decidi dividi-los em cinco níveis diferentes:

| **PARÂMETROS** | **NÍVEIS** | **DESCRITORES DE DESEMPENHO** | **PONTUAÇÃO** |
|---|---|---|---|
| **A – Conteúdos Positivo** | 5 | • Explicita, de forma completa, dois motivos que contribuíram para o dia de descanso semanal e as 8 horas de trabalho máximo e dois impactos na sociedade destas medidas republicanas | 40 |
| | 4 | • Explicita, de forma completa, um motivo que contribuiu para o dia de descanso semanal e as 8 horas de trabalho máximo e dois impactos na sociedade destas medidas republicanas. | 30 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | 3 | • Explicita, de forma completa, um motivo que contribuiu para o dia de descanso semanal e as 8 horas de trabalho máximo e um impacto na sociedade destas medidas republicanas. | 20 |
| **B – Conteúdo negativo** | 2 | • Explicita, de forma completa, um motivo que contribuiu para o dia de descanso semanal e as 8 horas de trabalho máximo ou um impacto na sociedade destas medidas republicanas. | 10 |
| **C – Conteúdo nulo** | 1 | • Não consegue alcançar nenhum dos objetivos. | 0 |

**Figura 17:** Critérios de avaliação da 1ª questão aula.

Como se pode verificar existem três níveis com um resultado positivo, um nível negativo e outro com um resultado nulo. Desta forma é possível aferir os alunos que conseguiram de forma clara o objetivo da questão aula e, naturalmente, quem teve mais dificuldades.

No que concerne aos resultados foram os seguintes:

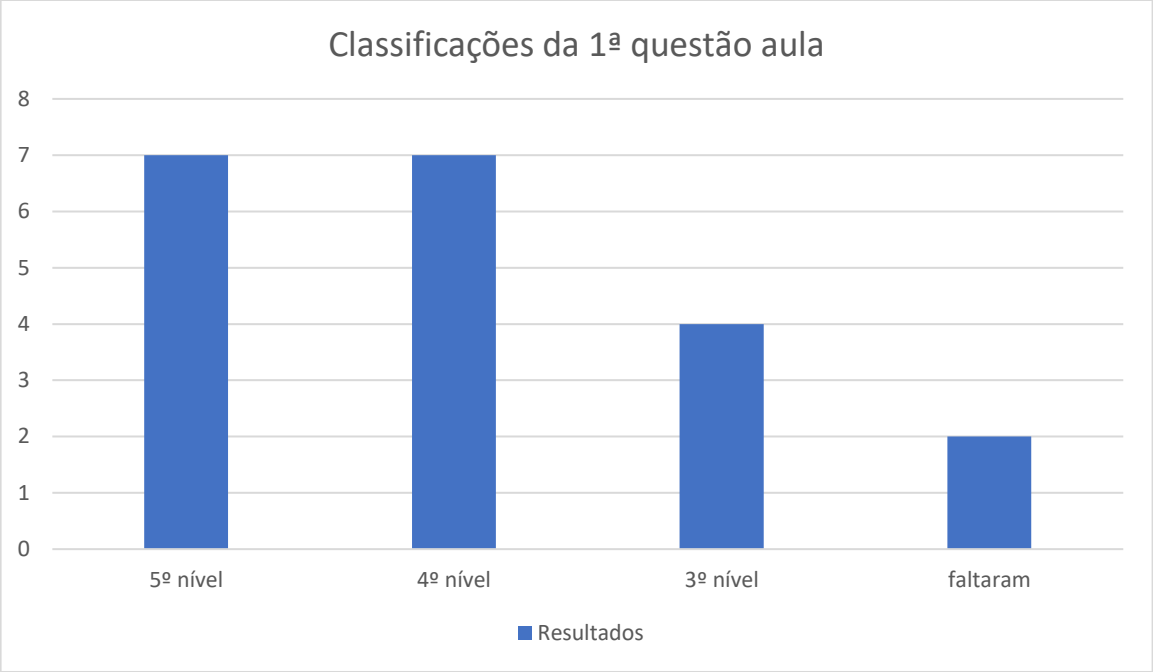



**Gráfico 4 –** Os resultados da 1ª questão aula.

É notória a evolução desta turma em termos de relacionamento de factos e pensamento histórico nos resultados desta questão de aula. No trabalho anterior não existiu nenhum aluno com nível 5 e nesta avaliação podemos encontrar sete elementos, o que é um excelente indicador. Por outro lado, diminuiu o nível 3/mediano, o que demonstra que os alunos já estavam mais dentro da temática e habituados a este tipo de relacionamento entre a narrativa da História do Desporto e o conteúdo lecionado no 9º ano de escolaridade. Obviamente não seria sério não evidenciar que esta questão aula tem ligação ao trabalho de grupo realizado sobre a Cultura de Massas, em virtude de haver desafios idênticos. No entanto, o caso de estudo era a 1ª República e os alunos tiveram questões especificas a assimilar e de uma maneira geral conseguiram-no. Para além disso, a aprendizagem só tem significado, quando o aluno lhe atribui utilidade e neste segundo trabalho já existem outro tipo de ferramentas, tendo em conta a experiência do trabalho de grupo. Segundo Ausubel[80], a aprendizagem é construtiva quando o professor recorre a estratégias e ideias prévias e o aluno recebe a nova informação e relaciona-a com os seus conhecimentos anteriores, assimiladas, por exemplo, no trabalho de grupo sobre a Cultura de Massas. O estudante relaciona, por norma, a nova aprendizagem com conhecimentos anteriormente

[80] AUSUBEL, D. P — *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003.

adquiridos.

Importa referir que a maior parte dos alunos referiu que nesta fase os sindicatos foram uma organização que, nesta altura, lutavam pelo direito dos trabalhadores um pouco por todo o mundo e que na 1.ª República existiram medida como o direito à greve que contribuiu para esta luta dos trabalhadores. No que toca ao impacto na sociedade, e talvez aqui tenha havido um grande impacto do trabalho já feito sobre a Cultura de Massas, a maior parte dos alunos referiu que surgiram novos hábitos na sociedade portuguesa como a prática de desporto e a ida ao futebol no dia de descanso semanal.

Uma das respostas mais completas que foram escritas e de nível 5, foi a seguinte:

Quem contribuiu para o estabelecimento do domingo como dia de descanso semanal obrigatório e a limitação máxima de 8 horas de trabalho diário foram instituições como os sindicatos. Os sindicatos lutavam pelos direitos dos trabalhadores através de mecanismos como as greves. A 1ª República fez com que os trabalhadores tivessem o direito à greve e permitiram o surgimento de novos hábitos como: a prática de desporto e a frequência de teatros.

Nesta resposta, de facto, foram cumpridos todos os objetivos da questão aula num 9º ano de escolaridade. Compreender uma narrativa história, ou em pormenor, um dado histórico, implica que o aluno consiga situar no espaço e no tempo (1ª República portuguesa) e relacionar e integrar os vários acontecimentos ("A 1ª República fez com que os trabalhadores tivessem o direito à greve e permitiram o surgimento de novos hábitos…").

Por último, em relação a esta questão aula, importa referir que existiram alguns alunos que faltaram e não foram avaliados. A razão para este facto foram as poucas aulas que tínhamos (uma vez por semana) e a necessidade de trabalhar outros conteúdos. Por outro lado, a meu ver, fazia mais sentido os alunos trabalharem em sala de aula e não em casa, dado que o resultado podia ser desvirtuado. Deste modo neste e noutros trabalhos analisados manterei o critério.

Relativamente à segunda questão aula, o desafio era diferente e sobre uma matéria quase desconhecida pelos alunos do 9º ano: o fascismo e nazismo. É, praticamente, a primeira vez que os estudantes do 9º ano têm contacto com estes conceitos, apesar de terem conteúdos em anos anteriores acerca do salazarismo. Por esse motivo, a dificuldade para os alunos assimilarem esta matéria e cumprir os objetivos da questão aula é acrescida e agravada pelo facto de semanalmente haver uma aula por semana. No que diz respeito à questão aula, foi a seguinte:

1. Como a Itália e a Alemanha utilizaram o desporto em seu proveito?

O intuito desta questão era que os alunos conseguissem relacionar conceitos estruturais

de um regime fascista e nazi, nomeadamente a propaganda, nacionalismo e a questão da "raça superior" com os eventos desportivos organizados pela Itália e Alemanha. Efetivamente, em sala de aula, a exploração de fontes, principalmente iconográficas, permitiu aos alunos terem as ferramentas na sua mão para conseguirem atingir os objetivos da pergunta, no entanto, tendo em conta que são conceitos novos é sempre mais difícil prever o seu desempenho.

| **PARÂMETROS** | **NÍVEIS** | **DESCRITORES DE DESEMPENHO** | **PONTUAÇÃO** |
|---|---|---|---|
| **A – Conteúdos Positivo** | 5 | • Explicita, de forma completa, duas vantagens para os regimes italiano e alemão organizarem eventos desportivos com dimensão mundial. Relacionar as vantagens descritas com os princípios doutrinários dos respectivos regimes. | 40 |
| | 4 | • Explicita, de forma completa, duas vantagens para os regimes italiano e alemão organizarem eventos desportivos com dimensão mundial.<br>Ou<br>•Explicita, de forma completa, uma vantagem para os regimes italiano e alemão organizarem eventos desportivos com dimensão mundial. Relacionar a vantagem descrita com os princípios doutrinários dos respectivos regimes | 30 |
| | 3 | • Explicita, de forma completa, uma vantagem para os regimes italiano e alemão organizarem eventos desportivos com dimensão mundial. Relacionar as vantagens descritas com os princípios doutrinários dos respectivos regimes, de forma incompleta. | 20 |
| **B – Conteúdo negativo** | 2 | • Explicita, de forma completa, uma vantagem para os regimes italiano e alemão organizarem eventos desportivos com dimensão mundial. | 10 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| **C – Conteúdo nulo** | 1 | • Não consegue alcançar nenhum dos objetivos. | 0 |

**Figura 18:** Critérios de avaliação da 2ª questão aula.

Relativamente à escolha dos critérios de avaliação optei por privilegiar duas questões já abordadas inicialmente: como os mencionados regimes totalitários usaram o desporto em seu proveito e relacionar os princípios desses mesmos regimes com as vantagens retiradas na organização de eventos desportivos. Ao alcançarem este nível de performance os alunos conseguem compreender de forma clara os factos históricos, situar os regimes em questão no espaço e tempo e integrá-los no contexto em que surgiram. Para além disso cumpre-se uma das Aprendizagens Essenciais previstas no 9º ano de escolaridade: "Relacionar a ascensão ao poder de partidos totalitários com as dificuldades económicas e sociais e com o receio da expansão do socialismo, realçando o papel da propaganda; descrever as principais características dos regimes totalitários."

Efetivamente, a progressão histórica, mais do que saber este ou aquele conteúdo é o aluno conseguir compreender cronologias, acontecimentos, interpretação, investigação e comunicação da própria história. Alias, segundo Rosalyn Ashby, historiadora britânica, os professores "têm realmente de assegurar que os alunos fazem progressos na sua compreensão histórica[81]" e as questões aulas realizadas em sala de aula estimularam a compreensão histórica, a autonomia, o pensamento, ao invés da cópia fiel do conteúdo a ser assimilado para uma determinada prova. Ou seja, um aluno pode ter muitos conhecimentos acumulados, mas pode não ser capaz de pensar historicamente. A competência histórica, ou outras competências, não se esquecem, pelo contrário podem ser ampliadas e consolidadas[82]. Enquanto os conhecimentos acumulados têm uma grande hipótese de serem efémeros. Por outro lado, e apoiando-me no historiador José Matoso, a História não é apenas um dado acontecimento ou facto, é "uma visão a ampla e diversificada da sociedade, não tanto de um ponto de vista estático, mas sobretudo, como é evidente, do ponto de vista

[81] ASHBY, ROSALYN — *O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções dos alunos*. In Barca, I. (Org.), Educação Histórica e Museus (pp. 37-57). Braga: CIEd, Universidade do Minho, 2003, p. 43.
[82] ROLDÃO, M.C. — Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – as questões dos professores, 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2004, p. 19.

temporal e dinâmico[83]". É nesta visão ampla e diversificada da sociedade que podem encaixar temas como Desporto, Arte, Cinema, entre outros, na aprendizagem histórica de um determinado aluno. No entanto, se esses temas são estimulantes ou não para um grande número de alunos é algo que vamos aferir neste estudo, sendo que o professor, através da sua experiência, conhecimento e capacidade pedagógica tem, a meu ver, um papel crucial neste tipo de abordagens em sala de aula. Esta é a minha abordagem.

Para além disso, no meu *feedback* após o exercício, dei pistas que ajudassem o aluno a corrigir os seus erros, melhorar as suas dificuldades e isto é um momento nevrálgico de aprendizagem[84]. Mais à frente irei refletir sobre esta questão do feedback.

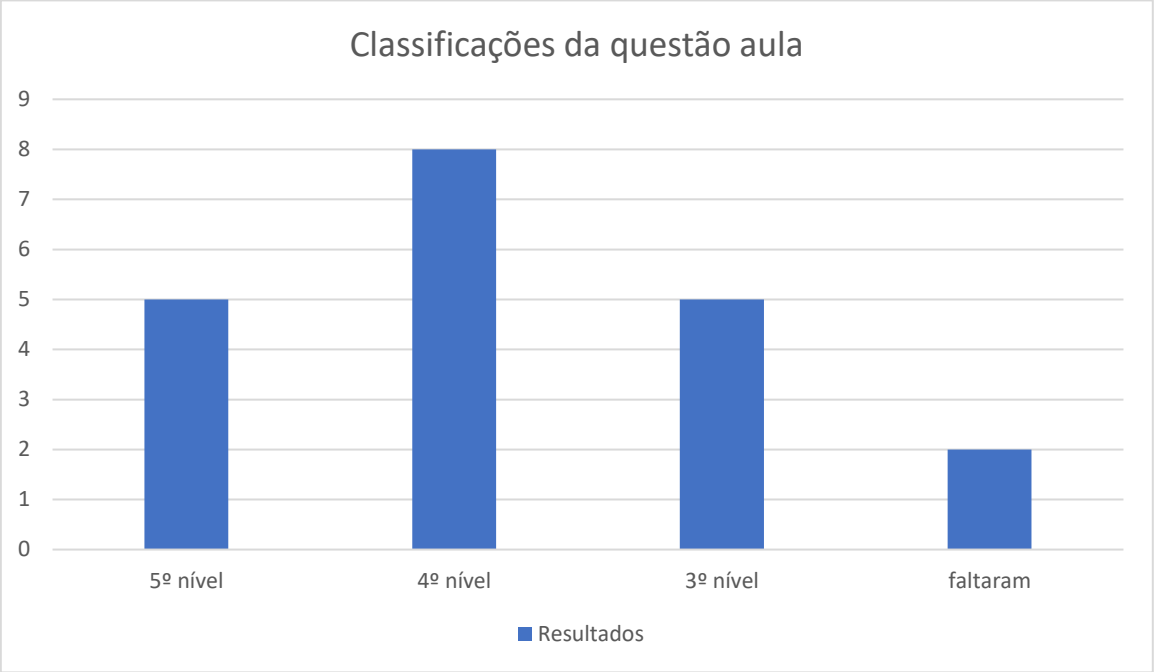



**Gráfico 5 –** Os resultados da 2ª questão aula.

No que diz respeito aos resultados da 2ª questão aula importa referir que, a nível geral, os resultados foram positivos. Os alunos com nível quatro aumentaram, o que reflete a maior habituação a este modelo de aprendizagem e de exercícios. Apesar de ter baixado o número de alunos com nível cinco em relação à questão aula anterior., a meu ver, esta queda de alunos com

[83] CARVALHO, Marina — A progressão do conhecimento histórico e geográfico com base no levantamento das ideias prévis: um estudo com alunos do 8º ano de escolaridade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014, p. 38.
[84] PINTO, J., & SANTOS, L. — Avaliação *pedagógica: Conceitos, propósitos e práticas*. Luanda: Ministério da Educação - República de Angola, 2017.

nível cinco, tem a ver com o facto de na questão aula anterior existir maior bagagem de trabalho sobre o tema, principalmente devido à dinâmica de grupo sobre a Cultura de Massas. Este facto permitiu que um maior número de alunos conseguisse ter bases e historial em sala de aula mais apetrechado para conseguirem ter o nível máximo. Para além disso a exigência dos critérios de avaliação incrementou, se compararmos com a primeira questão aula, como é natural. Os alunos na primeira questão de aula se conseguissem escrever dois motivos que contribuíram para o dia de descanso semanal e as 8 horas de trabalho máximo e dois impactos na sociedade destas medidas republicanas alcançariam o nível cinco. Por sua vez neste exercício a exigência era diferente e para além da enumeração deste ou daquele motivo ou impacto. Exigia-se para ter o nível máximo o relacionamento das vantagens da instrumentalização do desporto com os princípios doutrinários dos respectivos regimes.

Relativamente ao nível qualitativo das respostas, importa referir que aumentou ligeiramente o nível e destaco os seguintes textos:

*A Alemanha e a Itália usaram o desporto para mostrar o seu poder. A Itália organizou o campeonato mundial de futebol e ganhou. Durante os jogos de Itália fizeram a saudação fascista e estavam todos unidos para mostrar o nacionalismo e os seus ideais. A Alemanha organizou os Jogos Olímpicos com o mesmo intuito, mas neste caso mostrar o seu poder, força e espalhar os seus ideais por um método que abrangesse muita gente.*

*A Alemanha e a Itália usaram o desporto como forma de espalhar os seus ideais (propaganda), porque havia muitos países nos eventos desportivos e assim eles mostravam a sua grandeza e poder aos outros países. Dessa forma, mostravam que eram os maiores (Grande Alemanha) após o Tratado de Versalhes. Para aumentar ainda mais a sua autoestima, eles precisavam de ganhar. Uma das características muito presente no nazismo e no fascismo era o nacionalismo.*

Nestas duas respostas, os estudantes relacionaram a instrumentalização do desporto por parte dos regimes italiano e alemão com os princípios doutrinários de cada regime, como se pode verificar nas seguintes frases*:*

*Durante os jogos de Itália fizeram a saudação fascista e estavam todos unidos para mostrar o nacionalismo e os seus ideais.*

*A Alemanha e a Itália usaram o desporto como forma de espalhar os seus ideais (propaganda), porque havia muitos países nos eventos desportivos e assim eles mostravam a sua*

*grandeza e poder aos outros países.*

Mesmo a frase "dessa forma, mostravam que eram os maiores (Grande Alemanha) após o Tratado de Versalhes" é muito interessante, uma vez que demonstra claramente a(o) estudante entendeu que o regime alemão estava com dificuldades em digerir o Tratado de Versalhes (1919) e que um evento como os Jogos Olímpicos podia mostrar uma Alemanha poderosa, ao invés de ferida. Em suma, as respostas dos alunos nesta questão de aula surgem mais elaboradas e estruturadas, de uma maneira geral e é muito visível uma evolução na construção frásica. Essa evolução, apesar de tudo, ainda me parece incipiente para aquilo que se deseja na disciplina de História. Estas questões aulas evidenciaram algumas lacunas do ponto de vista gramatical e linguístico por parte da maioria dos alunos e alguma dificuldade em expressar ideias. De facto, a maior parte dos alunos tem a tendência de redigir ideias simples, mesmo que o teor do conteúdo seja complexo. No entanto, temos de olhar para esta lacuna de forma pragmática, ou seja, os alunos desta geração no ensino básico, talvez fruto de dois anos pandémicos e da sua própria idade, tem maior dificuldade a nível da comunicação. Aliás, este facto foi rapidamente percecionado pelo nosso núcleo de estágio e foi o que me encorajou a apostar em atividades que estimulassem a expressão escrita, após o trabalho de grupo. Outro fator importante de realçar é que alguns alunos na hora de escrita acusam de um fenómeno muito visto nas salas de aulas denominado por preguiça, que é diferente de desmotivação em relação à aula.

Contudo, o processo de melhoria desta competência tem de ser contínuo e seria demasiado ambicioso pensar que com estes trabalhos os alunos teriam uma transformação de 180º. Outra das questões menos positivas foi o facto de nem todos os alunos terem entregado as questões aula. É certo que a maioria esmagadora da turma entregou, contudo, evidencia que nem todos os alunos estavam recetivos à minha abordagem em aula. Provavelmente nos questionários finais irei constatar exatamente isso, não obstante, tenho a convicção que trabalhando mais e melhor é possível “evangelizar” mais estudantes para a aula de história.

Por outro lado, penso que os alunos, após estas atividades realizadas, valorizam mais as fontes, os documentos e progrediram noutros aspetos fundamentais para o seu crescimento na disciplina, nomeadamente na identificação de acontecimentos e respetiva análise. As respostas expostas também evidenciam uma complexificação na compreensão histórica e uma interligação de factos ou de acontecimentos mais adequados.

## 2.3. Questionários de História

Neste capítulo irei analisar os resultados dos questionários efetuados no 9º ano de escolaridade que está dividido em duas partes distintas, conforme foi dito anteriormente. Na primeira parte existe um trabalho de avaliação do conhecimento dos alunos sobre os três regimes autoritários estudados: o português, italiano e alemão. E, posteriormente, irei analisar a forma como os alunos viram as aulas de história lecionadas por mim, e explorando fontes ligadas à história do Desporto. Refiro que as aulas são lecionadas por mim, uma vez que, de facto, outros professores podem ter uma visão para aula diferente da minha utilizando fontes ligadas à história do Desporto.

Relativamente à primeira parte do questionário optei por um modelo com quatro escolhas múltiplas e uma pergunta de associação de conceitos. Estes conceitos remetiam-nos aos regimes nazi alemão, fascista italiano e salazarista, no qual os alunos tinham de distinguir princípios doutrinários de cada um e a sua visão respetiva do Desporto. De facto, uma das maiores dificuldades dos alunos do 9º ano são a distinção clara do que é fascismo e nazismo. Por outro lado, entender que o regime português tinha idiossincrasias especificas que se distinguem do caso alemão e italiano.

No que concerne as questões do questionário uma diz respeito ao caso italiano, outra ao caso alemão e duas sobre o salazarismo. Por fim, na questão de associação existia uma coluna com três hipóteses de associação: "Regime nazi alemão"; "Regime fascista italiano" e "Regime salazarista". Estes três regimes presentes na coluna A podiam corresponder a quatro definições apresentadas na coluna B, nomeadamente:

1. Usaram o Mundial de Futebol para propagandear os seus ideais e estimular o nacionalismo do seu povo.
2. Usaram os Jogos Olímpicos de 1936 para propagandear os seus ideais e estimular o nacionalismo do seu povo.
3. Viam o futebol com maus olhos, uma vez que era um fenómeno urbano e promovia ajuntamentos.
4. É um regime que defendia o mundo rural e chegou a proibir a prática do futebol.

Esta associação entre a coluna A e a B obrigava os alunos a dominarem conceitos

importantíssimos para as aprendizagens essenciais do 9º ano, como por exemplo, nacionalismo, ruralismo, propaganda e conservadorismo. E, para além disso, mostrava que os alunos conseguiam distinguir claramente os regimes em causa, uma vez que o ruralismo e conservadorismo eram conceitos apenas presentes no regime salazarista. Os outros dois regimes viam os fenómenos urbanos e o desporto de uma forma completamente instrumentalizada, ao contrário do regime português.

Importa referir que este questionário teve uma vantagem em relação aos restantes exercícios efetuados, em virtude de ter um índice de participação mais significativo, apenas dois alunos não participaram na atividade. Um dos casos foi porque se transferiu para outra escola e o outro estudante uma vez que não entregou a tempo. No entanto, um novo estudante entrou na turma, o que já foi mencionado anteriormente e fez o questionário, ou seja, vinte alunos entregaram-me o questionário. No que diz respeito aos resultados da primeira questão, foram os seguintes:

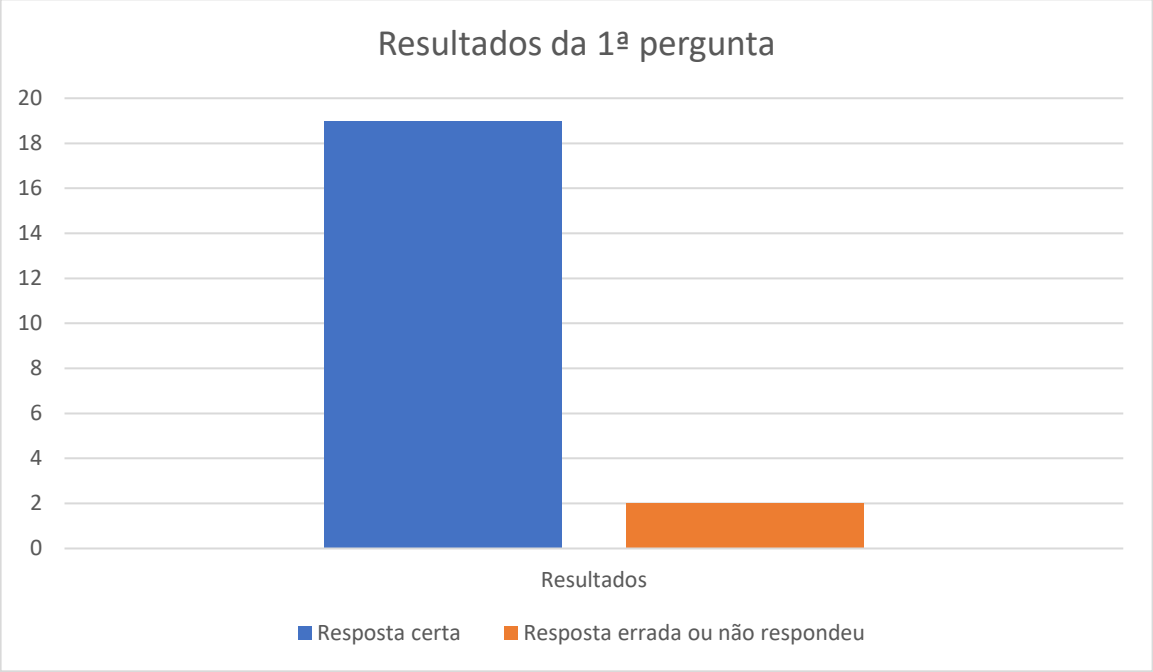



**Gráfico 6 –** Os resultados da 1ª pergunta

Na primeira questão, quase 100% da turma acertou, o que demonstra que compreenderam que Mussolini e outras ditaduras nos anos 30 usaram o desporto em geral, como uma forma de propagandear os seus ideias e fomentar o nacionalismo da sua população.

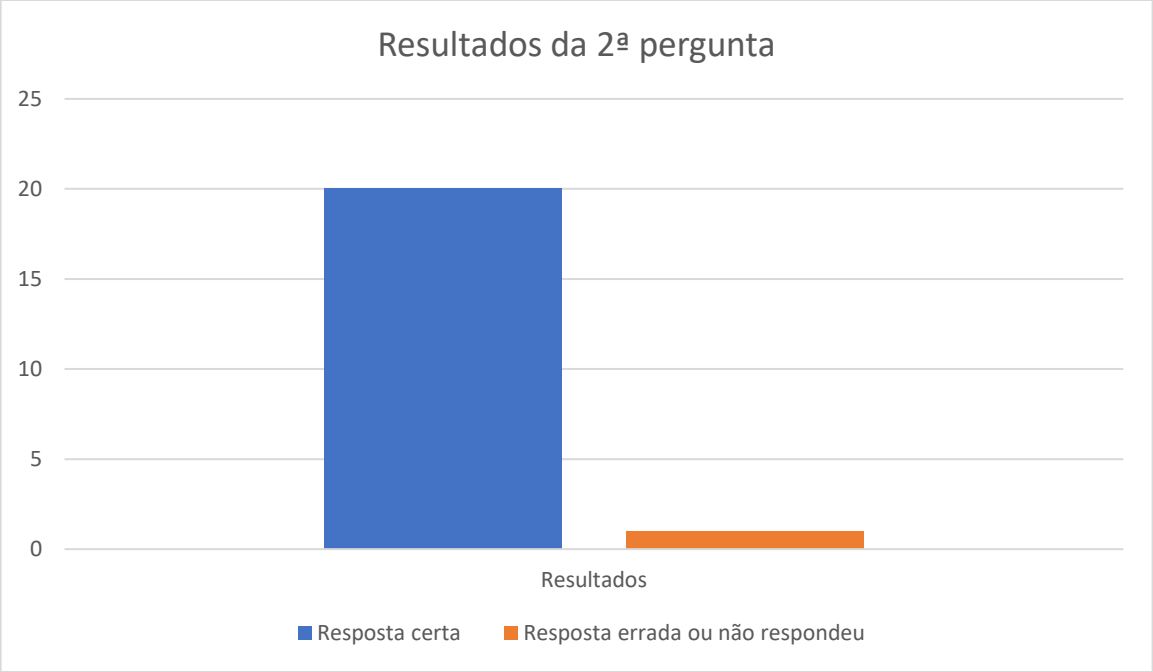



**Gráfico 7 –** Os resultados da 2ª pergunta

No que concerne à segunda questão, sobre o caso alemão, todos os alunos que entregaram o questionário acertaram na questão. Os alunos para acertarem esta questão tinham de chegar à conclusão de que os Jogos Olímpicos de 1936 tinham o intuito de mostrar a "Nova Alemanha" a todo o mundo e rejuvenescida após o *"diktat"* presente no Tratado de Versalhes em 1919.

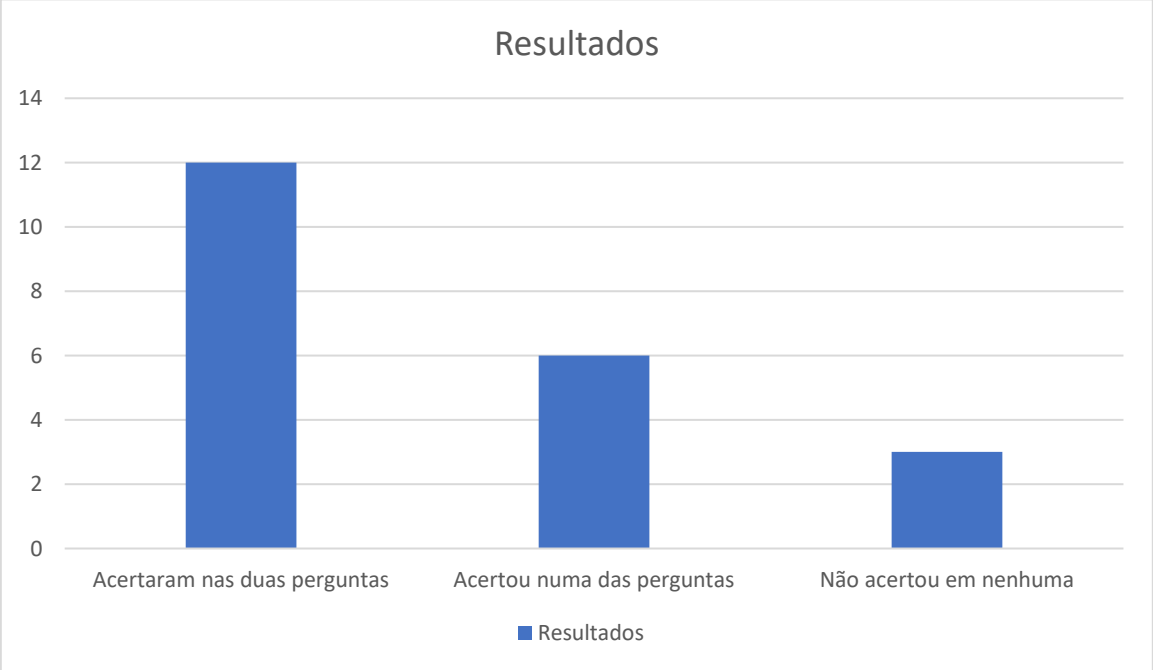



**Gráfico 8 –** Os resultados da 3ª e 4ª pergunta

Para finalizar as questões de escolha múltipla e desta vez sobre a temática do salazarismo os resultados foram francamente bons, uma vez que a maioria dos alunos acertaram as duas perguntas e apenas três alunos não acertaram nenhuma das perguntas. Estas duas questões eram as mais difíceis do questionário de escolhas múltiplas, uma vez que os estudantes teriam de ter um bom domínio dos princípios de cada um dos regimes e principalmente entender que o Estado Novo condenava o desporto, enquanto espetáculo de Massas, uma vez que tinha valores intrínsecos dentro da sua doutrina que eram antagónicos a este tipo de conceção de desporto. Entre os valores antogónios vislumbravam-se valores como o ruralismo, autoritarismo e necessidade de controlo e de impor a ordem na sociedade, que fazia com que o regime visse com maus olhos os ajuntamentos de pessoas.

Posteriormente, para avaliar a progressão dos alunos em relação a esta temática existia a questão de associação, no qual os resultados foram os seguintes:

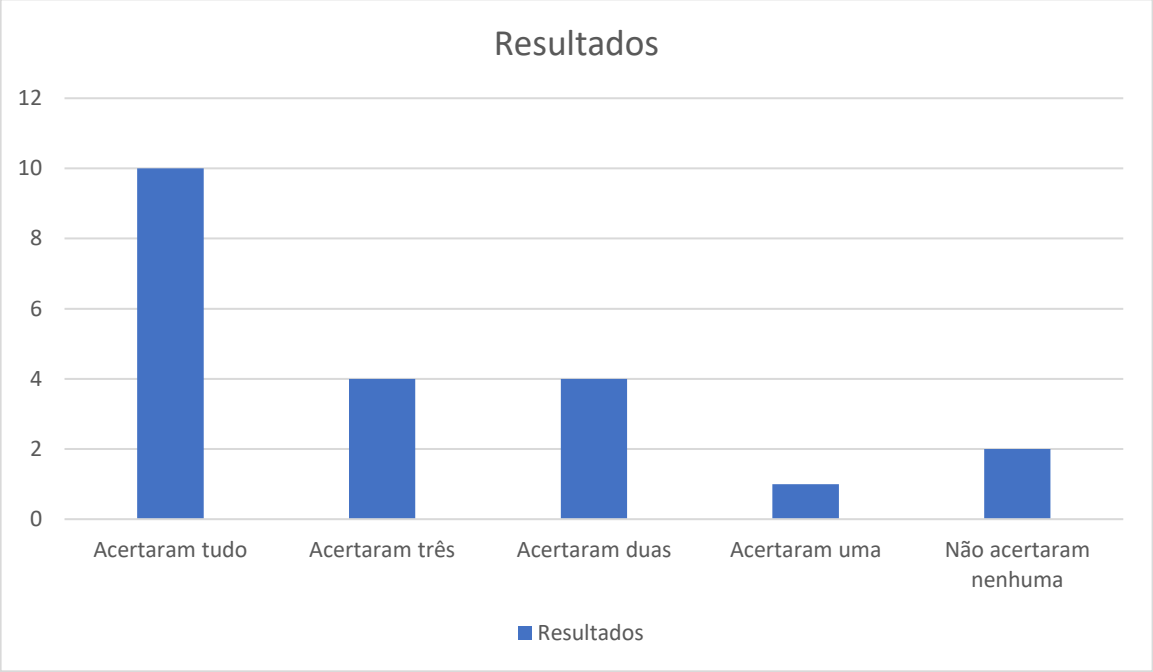



**Gráfico 9 –** Os resultados da questão de associação

Pode-se constatar, através do gráfico 9, que a maior parte dos alunos acertaram mais de metade do exercício. Ou seja, 85,7% dos estudantes acertaram metade ou mais de metade da pergunta, o que demonstra de forma significativa que a turma conseguiu entender e distinguir traços específicos das doutrinas de cada um dos regimes mencionados, através da exploração de fontes da História do Desporto. Alias, importa salientar que praticamente 50% da turma acertou em tudo nesta questão de associação.

Com estes resultados fiquei com uma enorme expetativa em entender o que sintam os alunos em relação a este tipo de aulas. Decidi, por esse motivo, terminar o questionário com questões subjetivas acerca das aulas de história para tentar na parte final do ano letivo ir ainda mais ao encontro dos alunos e de uma dinâmica mais interessante, estimuladora e enriquecedora. As questões colocadas foram as seguintes:

1. Consideras que aprender História, analisando outros pontos de vistas, como o do desporto, é mais interessante que uma aula tradicional?
2. A exploração da História do Desporto e as suas fontes tornou a aula mais enriquecedora?
3. Gostavas de ter mais aulas de História no futuro, com diferentes fontes e perspetivas, para além dos que tem no manual?
4. Gostavas de aprender mais sobre História do Desporto?
5. O que mais gostaste das aulas sobre História do Desporto?
6. Qual foi o facto mais interessante que aprendeste sobre História do Desporto?
7. Que sugestão fazes para tornar as aulas de História, utilizando fontes de História do Desporto, mais interessantes?

Relativamente a esta secção do questionário da pergunta 1 à 4 conseguimos perceber o grau da satisfação com esta experiência obtida pelos alunos em sala de aula e se, de facto, acharam enriquecedor e interessante. Por outro lado, pretendia perceber se os alunos gostavam de repetir esta experiência em sala de aula e se ficaram com uma maior curiosidade sobre a narrativa da História do Desporto. As restantes questões procuravam estimular os alunos a descrever o que mais gostavam desta tipologia de aulas e que os alunos mostrassem os seus sentimentos e sugestões para o futuro.

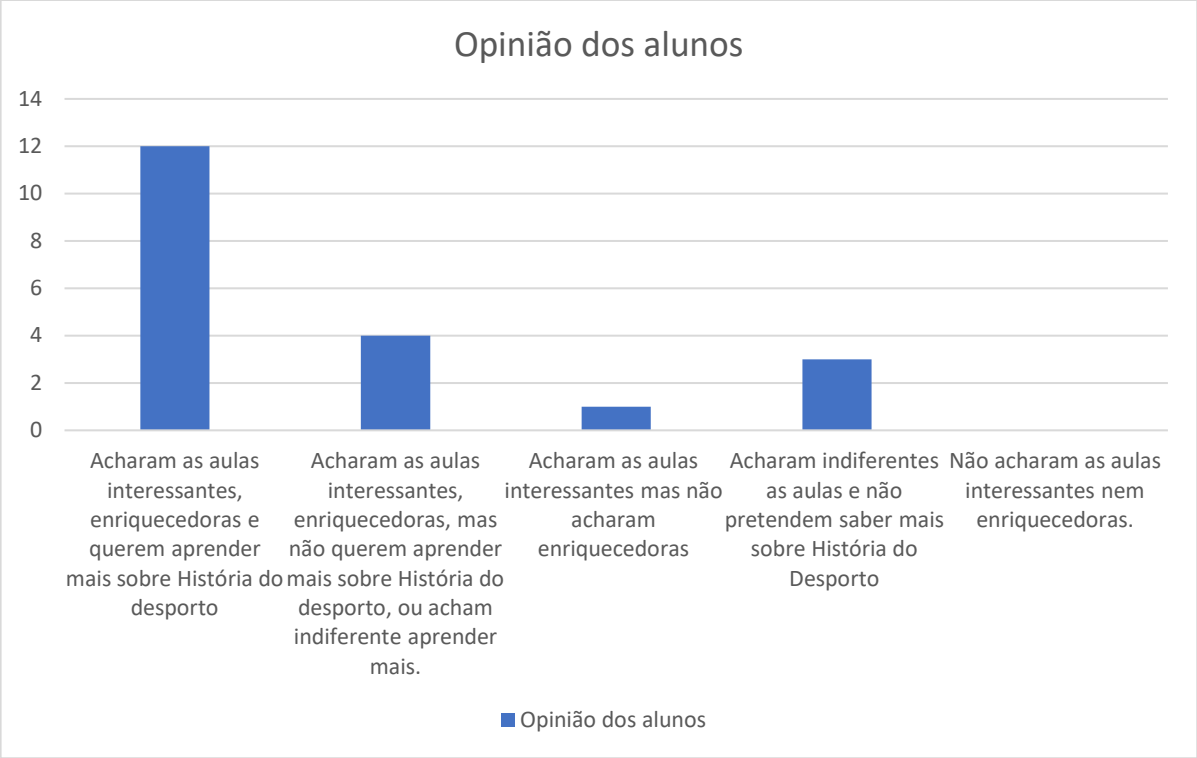



**Gráfico 10 –** A opinião dos alunos

No que toca as primeiras quatro questões, os alunos mostraram, na sua esmagadora maioria, vontade de ter mais atividades com este tipo de interação e de experiência na sala de aula de história. De facto, é esclarecedor constatar que doze alunos, que representam mais de metade da turma, acharam as aulas interessantes, enriquecedoras e gostavam de aprender mais sobre História do desporto. Por outro lado, apenas 15% dos alunos consideram indiferente este tipo de aulas e não pretendem saber mais sobre História do Desporto, o que corresponde uma minoria da turma. Relativamente aos alunos que não ficaram curiosos em saber mais sobre História do Desporto essa percentagem é mais significativa e equivale a 40% dos alunos, no entanto isto tem mais a ver com um gosto pessoal do que outra coisa, uma vez que desse grupo de estudantes a grande maioria, 62,5%, ainda assim acharam interessante este tipo de experiências na sala de aula na disciplina de História.

De seguida, importa refletir sobre algumas respostas escritas pelos alunos em relação ao que mais gostaram sobre a História do Desporto. As respostas dos alunos foram bastante heterogéneas, no entanto, um número significativo de alunos destacaram que foi interessante poderem ver como era o desporto no início do século XX. Para além disso, alguns estudantes gostaram de saber que o desporto influenciou a história do mundo e a sociedade, e saber mais sobre a história do futebol.

Estas foram as ideias mais convergentes e repetidas pelos alunos. É interessante constatar que os estudantes, de maneira geral, chegaram a uma conclusão muito importante, que demonstra uma progressão no seu pensamento histórico, nomeadamente que o desporto influenciou a história do mundo e a sociedade. Uma das respostas que reflete essa mesma evolução é a seguinte;

> O que eu mais gosto nas aulas sobre história do desporto é de saber como ela influenciou a história do mundo e a sociedade.

Esta frase, apesar de curta, demonstra que mais do memorizar este ou aquele acontecimento os alunos do 9º ano conseguiram entender que existe um relacionamento de várias áreas com a história, e em particular a história do desporto pode influenciar alguns traços da sociedade.

Em sequência da aprendizagem recente um estudante refletiu o seguinte:

> O que eu mais gostei das aulas sobre história do desporto foi o facto de podermos ver como era o desporto há uns anos e como alguns regimes políticos o usaram em proveito próprio.

Através desta frase, chegamos a conclusão de que os alunos do 9º ano tem a capacidade de crescer o seu pensamento histórico e entender que mais do que saber factos/acontecimentos sobre história do desporto. Podem ver um ângulo diferente dos conteúdos programáticos e desenvolver um espírito crítico assinalável. E isso fica evidenciado pela forma como a(o) estudante expôs que aquilo que mais gostou da aula foi de perceber como eram os desportos no passado e como alguns regimes políticos os usaram em proveito próprio. Importa salientar que esta conclusão não se apoia apenas nas frases transcritas, uma vez que dez alunos destacaram que o facto mais interessante que aprenderam sobre história do desporto foi que os regimes ditatoriais utilizaram o desporto para mostrar o seu poder. Ou seja, não disseram apenas um facto curioso sobre história do desporto e associaram, um facto à matéria essencial a ser retida neste conteúdo programático, o que a meu ver é bastante interessante.

Para além disso, existe uma curiosidade acrescida para o tema futebolístico e a sua evolução e para o facto de haver muita gente a ir a arenas ou estádios na década de 20 e 30. Estas duas respostas refletem gostos pessoais, mas também a experiência dos alunos no trabalho de grupo, no qual tiveram de pesquisar uma imagem de um desporto com adesão popular.

Outro dos parâmetros analisados, que me suscitou maior curiosidade, foram as sugestões dos alunos. Tendo em conta a idade poderia ter encontrado respostas despropositadas ou que não acrescentassem grande valor para este estudo. No entanto, vislumbrei algumas respostas interessantes que me deram o mote para o objeto de estudo final, ou seja, a ficha de trabalho. O último trabalho que efetivei com esta turma teve, de facto, grande influência destas respostas

redigidas pelos alunos, pois alguns deles deram sugestões bastante válidas para proporcionar uma aula mais rica, dinâmica e participativa, como podemos ver no gráfico que se segue:

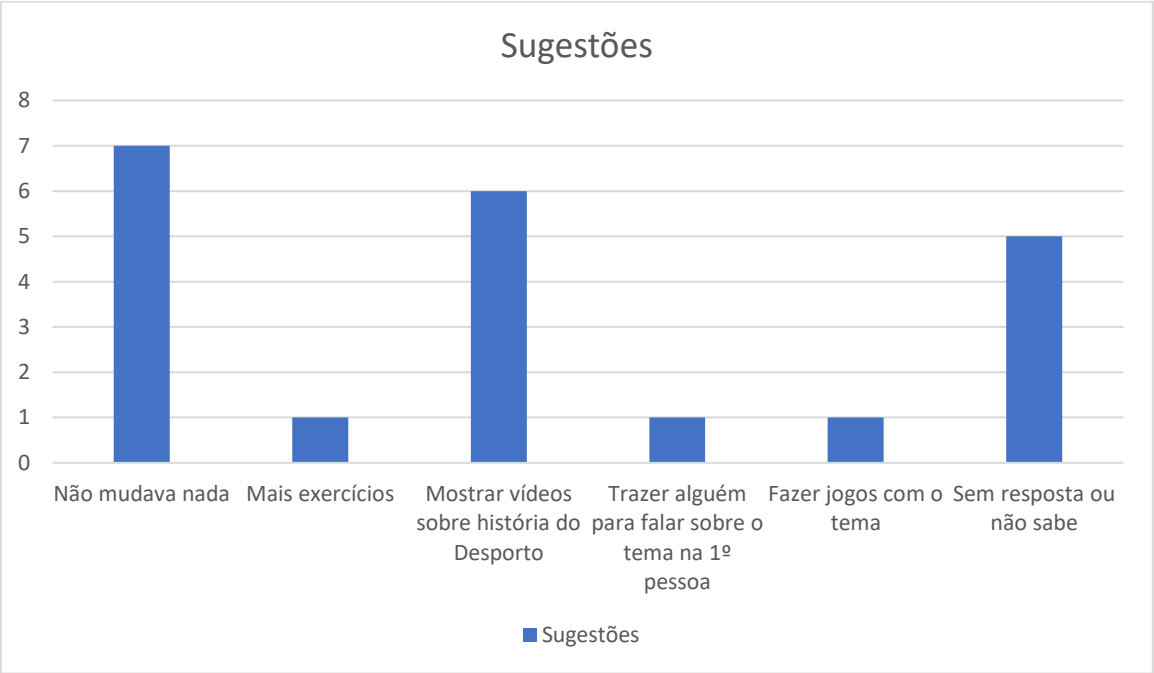



**Gráfico 10 –** A opinião dos alunos

Através deste gráfico 10 conseguimos perceber que um número significativo de alunos não deu uma resposta concreta ou não mudava nada das aulas, o que é legitimo. No entanto, seis alunos deram a sugestão de se mostrar vídeos sobre História do desporto na sala de aula e isso foi uma excelente proposta. Obviamente que, em virtude das décadas estudadas até ao momento, era difícil ser possível trabalhar em aula vídeos relativos a história do desporto. Todavia, num conteúdo como a Guerra Fria pareceu-me extremamente adequado e mais interessante para os estudantes trabalharem com a fonte dinâmica do vídeo, principalmente numa geração que está tão ligada a este formato.

Por outro lado, achei interessante alunos terem sugerido fazer jogos com o tema, também em virtude de em outras circunstâncias termos executado em sala de aula jogos didáticos. Mesmo a proposta de trazer alguém para falar sobre história do desporto na 1º pessoa parece-me uma ideia a ser pensada com calma e num contexto específico. No futuro acho que era interessante tentar executar esta ideia.

Importa referir que estes dados apresentados me parecem a mim consistentes e com um grau interessante de confiança, em virtude de podermos constatar que os resultados ao longo destas

atividades têm sido positivos, logo, parece-me razoável considerar que a opinião dada pelos estudantes que mostram motivação por esta abordagem em sala de aula fidedignos.

## 2.4. Ficha de trabalho final

Neste capítulo do meu estudo irei executar uma dinâmica e trabalho em aula baseados nas sugestões nos alunos. Ou seja, irei promover na sala de aula a visualização de um documentário sobre os Jogos Olímpicos de 1980 e à posteriori desenvolver um conjunto de exercícios com a expetativa que a turma mantenha a sua senda de evolução a nível de interpretação, espírito crítico e análise histórica. Este documentário da *Washington Post* denomina-se por "invisible olympians" e aborda o boicote do Comité Olímpico americano aos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980, no âmbito da tensão entre os EUA e a URSS. Optei por utilizar fontes audiovisuais neste conteúdo programático do 9º ano, em virtude de nos anos 70 e 80, a qualidade das imagens e vídeos ser de melhor qualidade, sendo, deste modo, mais apelativo para a grande maioria dos alunos. Obviamente que as sugestões dos alunos tiveram um peso significativo na minha abordagem, no entanto considero que a qualidade dos documentários e fontes existentes em videotecas e arquivos sobre a matéria anteriormente lecionada são menos apelativos por serem a preto e branco e com uma qualidade de som mais intermitente ou com cortes.

Este documentário retrata muito do que foi a tensão entre os EUA e a URSS e o papel da política americana neste boicote aos Jogos Olímpicos. Nesta fase, Jimmy Carter, presidente americano, considerava que a URSS estava a ter uma atitude agressiva em vários palcos de guerra, nomeadamente no Afeganistão e por esse motivo alegou que os atletas e cidadãos americanos estavam em risco ao deslocar-se até Moscovo. À revelia do desejo de muitos atletas por todo os EUA e por influência política condicionou-se o maior evento desportivo do mundo colocando mais uma vez em choque as potências ocidentais e orientais. O meu objetivo com esta aula e abordagem histórica é reforçar que a Guerra Fria tinha repercussões em várias áreas, inclusivamente no desporto. Ainda antes de visualizarem este documentário a turma teve a oportunidade de ver um excerto cinematográfico acerca do filme "Rocky IV", no qual através de um simples combate de boxe os alunos vislumbraram, conforme mencionado anteriormente, o ambiente tenso, nacionalista e o grande desejo de vencer e mostrar de forma simbólica superioridade perante o rival.

No que diz respeito à ficha de história está dividida em duas partes: a primeira parte tem três

escolhas múltiplas acerca do documentário visualizado e a segunda parte tem uma resposta de desenvolvimento para os alunos relacionarem o boicote americano aos Jogos Olímpicos de Moscovo em 1980 com a rivalidade existente na Guerra Fria:

1. Quais foram os principais motivos para os EUA não participarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo?

A questão de desenvolvimento não obrigava aos alunos escreverem muitas linhas, no entanto era bastante objetivo e para a cotação correta era preciso cumprir alguns parâmetros:

| **PARÂMETROS** | **NÍVEIS** | **DESCRITORES DE DESEMPENHO** | **PONTUAÇÃO** |
|---|---|---|---|
| **A – Conteúdos** | 4 | • Explicita, de forma completa, dois motivos para os EUA não entrarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo, segundo o documentário. | 40 |
| | 3 | • Explicita, de forma completa, dois motivos para os EUA não entrarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo, segundo o documentário, no entanto com algumas imprecisões (um erro cronológico, alguns erros de escrita…). | 30 |
| | 2 | • Explicita, de forma completa, um motivo para os EUA não entrarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo, segundo o documentário. | 20 |
| | 1 | • Explicita, de forma incompleta, um motivo para os EUA não entrarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo, segundo o documentário. | 10 |
| | 0 | • Não consegue alcançar nenhum dos objetivos. | 0 |

**Figura 19:** Critérios de avaliação da pergunta de desenvolvimento da ficha de História

Nestes parâmetros conseguimos perceber que para os alunos terem a melhor cotação possível teriam que, mais do que saber ou ter memorizado conceitos e característica da Guerra Fria, interpretar e relacionar. o boicote americano aos Jogos Olímpicos de Moscovo em 1980 com a tensão diplomática entre URSS e EUA. Na verdade, estes critérios de estimulação do pensamento histórico já não eram uma grande novidade para os alunos desta turma, uma vez que já tinham uma bagagem obtida nos trabalhos anteriores. Por outro lado, defini um conjunto de objetivos a serem alcançados nesta questão que desenvolveriam as seguintes competências:

1. Analisar fontes de natureza diversa;
2. Identificar a multiplicidade de fatores relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço;
3. Identificar vários lados e perspetivas da narrativa histórica.

Relativamente as escolhas múltiplas, os resultados performativos dos dezanove alunos que entregaram a ficha de trabalho foram as seguintes:

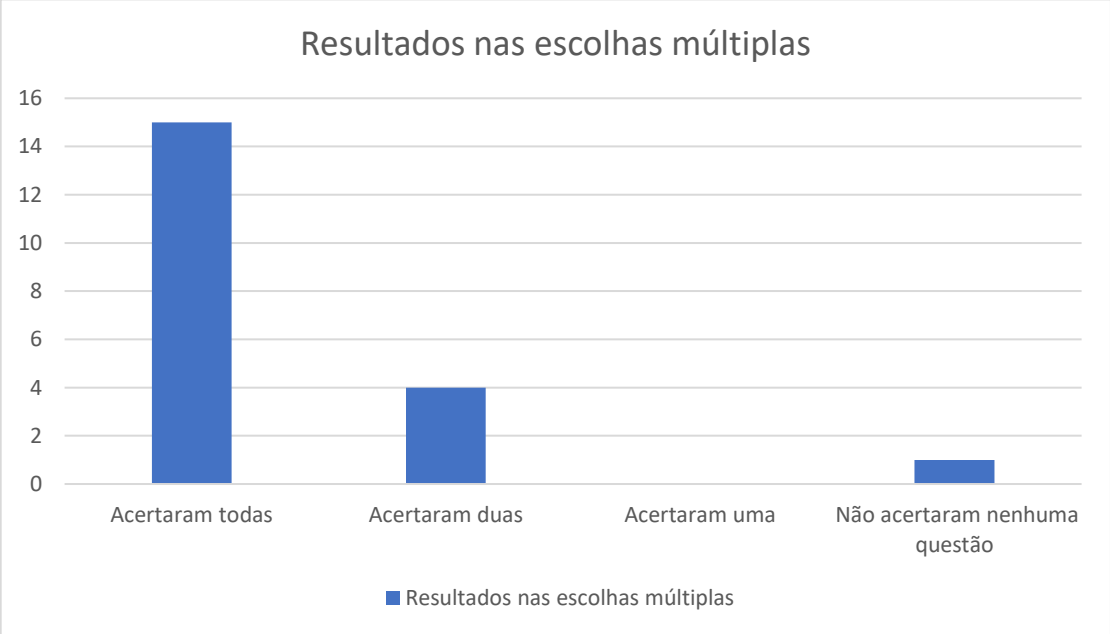



**Gráfico 11 –** Resultados dos alunos nas escolhas múltiplas.

Em termos absolutos, a evolução não podia ser mais evidente no que diz respeito às escolhas múltiplas. Enquanto no questionário anterior existiram dez alunos com a

cotação toda, nesta ficha de trabalho existiram quinze alunos a acertarem as escolhas múltiplas. Apesar de existir menos uma pergunta que no questionário anterior, as hipóteses providenciadas nesta ficha de trabalho eram quatro opções e por outro lado, no questionário existiam duas. Ou seja, o grau de dificuldade era maior, tendo em conta o maior número de hipóteses presenteadas. Na verdade, o grau de dificuldade era maior pelo simples facto de as questões colocadas serem todas baseadas no documentário e não tanto nas aulas lecionadas, como ocorreu no questionário anterior. Somente os alunos que estivessem atentos e imbuídos nesta dinâmica de aula conseguiriam alcançar a pontuação total e por isso é bastante satisfatório constatar esta boa evolução de performance.

No que diz respeito ao desempenho dos alunos na questão escrita, os resultados foram os seguintes:

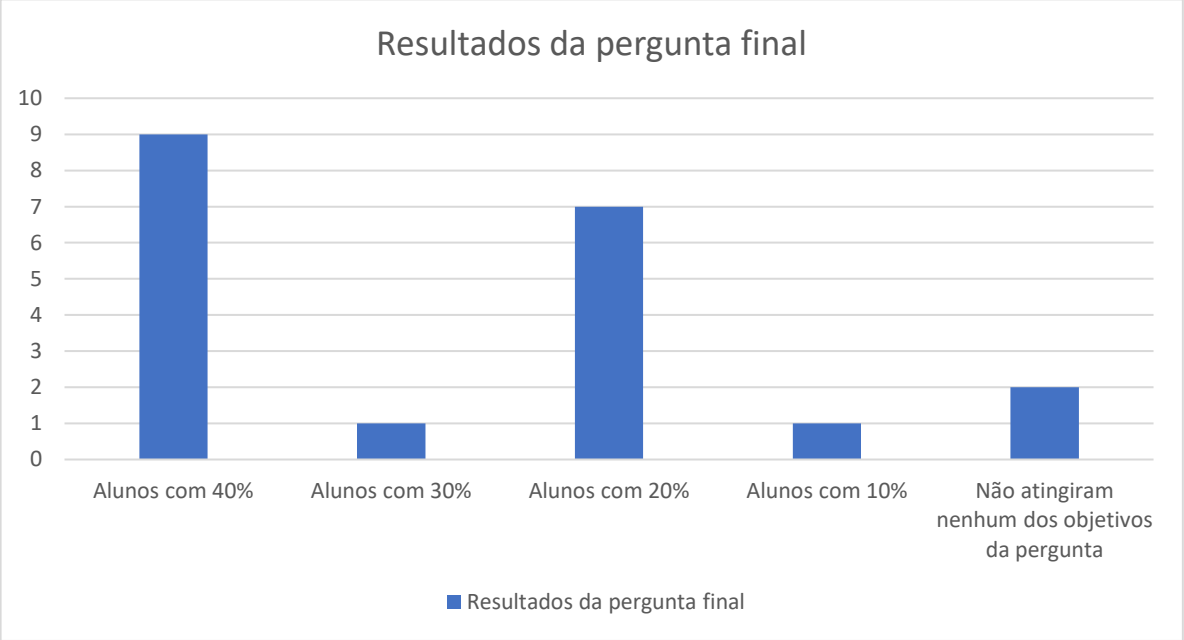



**Gráfico 12 –** Resultados dos alunos na questão de desenvolvimento.

Novamente nesta ficha de trabalho os resultados voltaram a ser mais significativos do que em qualquer outro exercício realizado até ao momento. Enquanto na primeira e segunda questão aula no máximo sete alunos obtiveram o nível máximo na questão de redação escrita nesta etapa final do meu estudo nove alunos conseguiram atingir os parâmetros todos, o demonstra uma evolução interessante da turma. Posteriormente importa salientar que os alunos que obtiveram resultados entre o bom (30%) e o

suficiente (20%) foram no total oito alunos, o que é inferior ao número de alunos que atingiu a cotação total. Entre as respostas existiu uma melhoria natural na forma como os alunos escrevem história e obviamente pesou todo o trabalho efetuado até aqui:

Os principais motivos para os EUA não participarem nos Jogos Olímpicos foram: A Guerra Fria e a confronto em várias áreas entre os EUA e a URSS. Por outro lado, as ações agressivas da URSS, como por exemplo a invasão da URSS ao Afeganistão.

Jimmy Carter, presidente dos EUA, não queria enviar atletas para Moscovo, pois os atletas e os espetadores correriam riscos, após a invasão ao Afeganistão. Para além disso os EUA e URSS vivam um clima de tensão chamada Guerra Fria.

Para finalizar, os resultados dos alunos na ficha de trabalho, contabilizando as escolhas múltiplas e a questão de resposta escrita foram os seguintes:




**Gráfico 13 –** Resultados da ficha de história

Em suma, os alunos com o resultado de nível 5, ou seja, aqueles estudantes com notas iguais ou superiores a 90% aumentou em comparação com as questões de aula e ao trabalho de grupo realizado num primeiro momento. Na verdade, no primeiro trabalho de grupo não houve um único aluno a atingir a classificação de nível 5. Mesmo os alunos de nível 4, o que corresponde a uma classificação igual ou superior a 80% manteve-se estável. Apenas diminuiu o número de alunos com a classificação de suficiente, uma vez que apenas dois alunos ficaram nesse patamar. Conclui-se desta maneira que os alunos com notas boas ou muito boas foram as predominantes neste trabalho final realizado, o

que demonstra, uma evolução ascendente e com resultados maioritariamente bons. O que confirma e dá substância à minha análise é a média de 83,42% da turma nesta ficha de trabalho.

# Capítulo 3 – Principais conclusões

## 3.1. As conclusões deste estudo

O desporto, tal como a arte ou o cinema, desperta emoções e sentidos, mas também nos sensibiliza para questões sociais, como a História. No meu entender, tendo em conta a lógica anteriormente apresentada pode ser uma ferramenta pedagógica válida para nós professores almejarmos uma educação mais dinâmica e produtiva. Na verdade, penso que este estudo demonstra que a narrativa desportiva pode ser um complemento interessante para compreendermos um contexto histórico. Para além disso, obviamente que este estudo surge do meu gosto pessoal e da minha vontade de arriscar e valorizar cada vez mais o papel do professor na sala de aula, uma vez que as nossas experiências e gostos podem ser traços especiais da identidade de um professor em sala de aula.

Numa era em que a cultura desportiva é desvirtuada pelo consumo do futebol enquanto fenómeno clubístico é interessante, a meu ver, conferir uma importância diferente ao desporto e à sua história na sociedade. Esta dissertação não tem a ambição de ser uma tese sobre desporto, mas trabalhei com esta área na sala de aula. Quero ensinar história e proponho-me neste estudo a ensinar esta disciplina falando da narrativa da história do desporto. É uma ligação, a meu ver, que pode dar frutos, motivar e criar experiências em sala de aula. Acredito que é possível desenvolver competências históricas na disciplina de história, através deste método, em virtude de o desporto ter um papel singular na área historiográfica.

Posteriormente, as fontes iconográficas, que foram a principal municiador de trabalho em aula, podem ajudar o aluno a desenvolver habilidades e competências na área de história e não só. Ao desenvolvermos a analise de fontes iconográficas estamos a trabalhar o espírito critico, a criatividade e até a literacia visual.

Neste balanço final importa referir que ficaram muitas coisas para explanar, até porque existem inúmeras formas de falar em Desporto e História. Porém, o balanço foi positivo e eu, enquanto professor, aprendi com os meus erros e experiência em sala de aula. Admito que falar de

História e Desporto é muito aliciante para mim, mas penso que parte dessa paixão passou para os alunos em muitos momentos das nossas aulas.

Em termos fatuais, os problemas inicias da turma, a meu ver, nomeadamente a escrita, acentuação, virgulas, pontos finais, a noção historiográfica do espaço e tempo, a análise de documentos foram tendo, ao longo das nossas aulas, um bom desenvolvimento. Inicialmente, no trabalho de grupo, foi mais um trabalho de pesquisa e sobre a evolução de modalidades do que relacionamento do desporto com a temática dos "Loucos anos 20", mas, nas questões aula, questionário e ficha de trabalho os alunos já mostravam mais competências de compreensão histórica e relacionamento de factos. Se no trabalho de grupo a média da turma foi 75,35%, na ficha de trabalho final o resultado foi 83,42%. E mais do que resultados os estudantes mostraram nas aulas, em termos gerais, interesse, vontade de aprender mais e dinâmica. Na retina de um professor novato ficam sempre as primeiras palavras elogiosas do nosso trabalho, no final da aula: "Professor, gosto muito das suas aulas sobre história do futebol, qual é o seu clube?"

Obviamente nem tudo correu de feição, a escassez de tempo foi de facto um problema e impediu-me em certos momentos de fazer mais. Tínhamos uma aula por semana e este ano letivo tivemos o azar de termos feriado no dia da semana da disciplina. Por outro lado, é possível fazer mais e melhor. Seria interessante no futuro testar este tipo de experiências com outras turmas para fazer uma análise comparativa, no entanto eu não tive essa possibilidade, uma vez que não se adequava com as turmas que tinha ao meu dispor. Não obstante, era importante trabalhar outro tipo de conteúdos em aula e trazer mais dinâmica não só à aula como na escola ao organizar um evento, talvez, com uma pessoa da área desportiva, num contexto específico, falar sobre a narrativa da história do desporto com implicância na sociedade. E mesmo promover mais jogos didático, ao invés de atividades de redação escrita poderia ter sido positivo para este estudo. No entanto, o panorama da turma fez-me promover este tipo de atividades, assim como a escassez de tempo, no futuro tenho a intenção de desenvolver projetos e ideias mais diversificadas.

Posto isto, chego ao fim desta etapa importante na minha vida dizendo que espero que esta experiência seja interessante para os leitores e que possa contribuir de alguma maneira para os professores/pedagogos terem novas ideias e dinâmicas e encerro esta dissertação afirmando que, ainda há muito a fazer e a minha missão nesta área não vai ficar por aqui.

## Bibliografia e Fontes

### Fontes hemerográficas


*Tiro e Sport.* Lisboa, 1904-1910.

*Invicta Sports.* Porto, 1922-1925.

*Sporting.* Porto, 1922-1925.

*Imparcial.* Rio de Janeiro, 1913.

*Correio Paulistano.* São Paulo, 1913.

*Os Sports Ilustrados*. Lisboa. 1910-13.

*La Vie au grand air*. Paris. 1916.

Diário do Senado. Lisboa, 1924.


### Bibliografia Consultada :


ALLEN, Kevin — *USA hockey: a celebration of a great tradition*. Chicago: Triumph Books, 1997.

ALVES, Tiago — *Artur José Pereira e o futebol português*. Lisboa: Âncora Editora, 2021

ASHBY, ROSALYN — *O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções dos alunos*. In Barca, I. (Org.), Educação Histórica e Museus (pp. 37-57). Braga: CIEd, Universidade do Minho, 2003

Assembleia da República — *Dicionário de História da 1.º República e do republicanismo*, Lisboa, 2013-2013, vol. 2.

BOYLE, Raymond — *Power Play: sport, the media and popular culture*. Edinburgh: 2ª ed. Edinburgh.

BORDENVE, J.D.& PEREIRA, A. M — Estratégias de Ensino-Aprendizagem. Petrópolis,9ª edição: Vozes, 1986.

BURKE, Peter — *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALADO, Isabel — *Fronteiras da imagem com a palavra: contributo para uma abordagem da representação e cultura visuais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003. Tese de Doutoramento.

CARVALHO, Marina — *A progressão do conhecimento histórico e geográfico com base no levantamento das ideias prévis: um estudo com alunos do 8º ano de escolaridade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A nossa seleção em 50 jogos [1921-2004]*. Porto: Afrontamento, 2005.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo. História do Futebol Português*. Porto: Afrontamento, 2002.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa: o desporto na I República em 100 primeiras páginas.* Porto: Afrontamento, 2012.

DIAS, Marina Tavares — *História do Futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios*. Lisboa: Quimera, 2000.

DIETSCHY, Paul — *Histoire du Footbal*. Paris : Perrin, 2010.

DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol português. Política, Género & Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert — *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ESTRELA, Maria Teresa — *Como criar uma Boa Relação Pedagógica*. Porto: Porto Editora, 1994.

GASPAR, Jorge — "Aspectos geográficos do futebol em Portugal". *Brotéria*, vol. 92, n.º 4, 1971, p. 491-505.

JARVIE, Grant — *Sport, culture, and society: an introduction*. Londres: Routledge, 2008.

JONHSON, Molly — *Training Socialist Citizens: Sports and the State in East Germany*. Leinden: Brill, 2008.

KUMAR, Rahul Mahendra — *a pureza perdida do desporto – futebol no Estado Novo*. Lisboa*:* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2014.

LARGE, David — *Nazi Games: The Olympics of 1936.*: Nova Iorque: W. Norton & Company, 2007.

LEMOS, Mário Matos e — *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora, 2006.

MAGALHÃES, Daniela — *A Arte da Pintura nas aulas de História: Ver, ler e fazer*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.

MEDINA, Maria da Conceição da Silva Ferreira — *Relação pedagógica e motivação para o sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.

MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) — *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*. Porto: Afrontamento, 2013.

NÓVOA, António (Org.) — *O Passado e o Presente dos Professores*. In Nóvoa, A. Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1991.

ORNELAS, Ricardo; REIS, Ribeiro dos; SILVA, Domingos Alberto Tavares — *História dos Desportos em Portugal*. Lisboa: Edições, 1940.

PEREIRA, Ricardo Costa — "O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918)". *História. Revista da FLUP*. Porto, IV Série, vol. 8, n.º 2, 2018, p. 174-196.

PEREIRA, Ricardo Costa — *O futebol português no tempo da I República (1910-1926)*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018

PEREIRA, Ricardo Costa — *O futebol portuense durante a República Portuguesa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

PERRENOUD, et al — *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean — *Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget,1999.

PINHEIRO, Francisco — *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945*). Coimbra:

Minerva Coimbra, 2006.

PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2010.

PINTO, J., & SANTOS, L. — *Avaliação pedagógica: Conceitos, propósitos e práticas*. Luanda: Ministério da Educação - República de Angola, 2017.

POZO, J. I —*Teorias da Aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, 1998.

RECASENS, Margarita — *Como estimular a expressão oral na aula: actividades de percepção e de memória auditiva e visual. Gesto, voz e jogos teatrais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1989.

ROLDÃO, M.C. — *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – as questões dos professores*, 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda (coord.) — *História da Primeira República Portuguesa.* Lisboa: Tinta da China, 2010.

ROWE, David — *Sport, culture, and media: the unruly trinity*. Bekshire: Open University.

SANTOS, C. A. — *Alegoria, Iconografia e Iconologia: diferentes usos e significados dos termos na História da Arte*. XIII Seminário de História da Arte, 2014.

SEMMENS, Kristin — *Seeing Hitler's Germany: Tourism in the Third Reich*. Londres: Palgrave MacMillan, 2005.

SERRADO, Ricardo — *O Estado Novo e o Futebol*. Lisboa: Prime Books, 2012,

SERRADO, Ricardo — *Mitos do Futebol Português*. Lisboa: Plátano Editora, 2015.

SERRADO, Ricardo — "Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910*)". Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, II série, vol. 33, 2014, p. 219-251.

SERRADO, Ricardo — "O desporto como homeostasia sociocultural: uma hipótese". *História. Revista da FLUP*. Porto, IV Série, vol. 9, n. º 2, p. 178-199.

SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo — *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2011.

SOBRAL, Luís — "Desporto*".* In ROSAS, Fernando; BRITO, J.M. Brandão de (Dir) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol.1. Venda Nova: Bertrand, 1996, p. 260-262.

TADEI, Nazareno — Educar com a imagem. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

TAYLOR, Matthew — *The Association Game: A History of British Footbal*. Londres: Routledge.

VAQUINHAS, Irene Maria — "O conceito de «decadência fisiológica da raça» e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/princípios do século XX)". *Revista de História das Ideias,* vol. 14, 1992, p. 365-388.

## Anexos

**Anexo 1:** Objetivos do trabalho sobre a Cultura de Massas

**Objetivos do trabalho**

- ✓ Cada grupo terá de escolher um desporto para falar na aula a seguir ao teste: dia **6 de dezembro** (5 minutos cada grupo).
- ✓ Cada grupo terá de falar sobre a história do seu desporto e **da sua importância para a sociedade**
- ✓ Cada grupo deve pesquisar e mostrar (através de uma imagem) um exemplo de um evento desportivo **nos anos 20** com adesão do público.
- ✓ **A imagem do evento desportivo nos anos 20 de cada grupo pode ser um desporto diferente do tema escolhido.**

**Anexo 2:** Ficha de trabalho sobre as ditaduras de "direita" e questionário

**QUESTIONÁRIO DE HISTÓRIA –**
**9º ANO**

**Nome:**

**_____**

**Ano:**

**_____**

**Data: _____**

1. Seleciona a opção correta

1.1. Mussolini e outras ditaduras nos anos 30 usaram o desporto em geral como uma arma de propaganda e de nacionalismo.

a) Verdadeiro

b) Falso

1.2. Um evento como os Jogos Olímpicos de 1936, poderia mostrar a "nova Alemanha" a todo o mundo.

a) Verdadeiro

b) Falso

1.3. O desporto de espectáculo, de massas, era condenável pelo Estado Novo.

a) Verdadeiro

b) Falso

1.4. O Estado Novo utilizou o desporto para mostrar os seus princípios fascistas de "Deus, Pátria e Família".

a) Verdadeiro

b) Falso

2. Associe corretamente os conceitos da Coluna A com as definições apresentadas da Coluna B.

| Coluna A | Coluna B |
|---|---|
| **a)** Regime Nazi alemão<br>**b)** Regime Fascista Italiano<br>**c)** Regime Salazarista | **1)** Usaram o Mundial de Futebol para propagandear os seus ideais e estimular o nacionalismo do seu povo.<br>**2)** Usaram os Jogos Olímpicos de 1936 para propagandear os seus ideais e estimular o nacionalismo do seu povo.<br>**3)** Viam o futebol com maus olhos, uma vez que era um fenómeno urbano e promovia ajuntamentos.<br>**4)** É um regime que defendia o mundo rural e chegou a proibir a prática do futebol. |

2.1. Consideras que aprender História, analisando outros pontos de vistas, como o do desporto, é mais interessante que uma aula tradicional?

a) Sim

b) Não

c) Indiferente.

2.2. A exploração da História do Desporto e as suas fontes tornou a aula mais enriquecedora?

a) Sim

b) Não

c) Indiferente.

2.3.Gostavas de ter mais aulas de História no futuro, com diferentes fontes e perspetivas, para além dos que tem no manual?

a) Sim

b) Não

c) Indiferente.

2.4. Gostavas de aprender mais sobre História do Desporto?

a) Sim

b) Não

c) Indiferente.

2.5. O que mais gostaste das aulas sobre História do Desporto?

_____

_____

_____

_____

2.6. Qual foi o facto mais interessante que aprendeste sobre História do Desporto?

_____

_____

_____

_____

2.7. Que sugestão fazes para tornar as aulas de História, utilizando fontes de História do Desporto, mais interessantes?

_____

_____

_____

_____

**Anexo 3:** Ficha de trabalho sobre a Guerra Fria

## FICHA DE HISTÓRIA – 9º ANO

Tema: O boicote americano aos Jogos Olímpicos de Moscovo de 1980

1. Qual foi motivo referido pelo presidente dos EUA para não irem aos Jogos Olímpicos?

a.) As ações agressivas da URSS colocavam em risco os espetadores americanos e dos seus atletas.

b.) Os EUA não estavam preparados para a competição.

c.) Os atletas americanos não queriam participar nos Jogos Olímpicos por causa da Guerra no Vietname.

d.) Nenhuma das opções.

2. Qual foi o presidente americano que boicotou os Jogos Olímpicos de 1980?

a.) Ronald Reagan.

b.) Abraham Lincoln.

c.) Jimmy Carter.

d.) Mário Soares.

3. Qual era o sentimento dos atletas olímpicos por não irem aos Jogos Olímpicos?

a.) Entenderam a decisão, uma vez que eram nacionalistas fervorosos.

b.) Entenderam a decisão, uma vez que não estavam em boa forma física.

c.) Ficaram desapontados, pois muitos destes atletas tinham em 1980 a última oportunidade de participar neste evento.

d.) Nenhuma das opções.

4. Quais foram os principais motivos para os EUA não participarem nos Jogos Olímpicos de Moscovo?

_____